

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JULIA LEMOS GABRIEL SILVA

**OS PERIGOS DO NÃO-PENSAMENTO: UM OLHAR SOCIO-PSICANALÍTICO
SOBRE O ROMANCE “A DESUMANIZAÇÃO”**

Campinas
2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JULIA LEMOS GABRIEL SILVA

**OS PERIGOS DO NÃO-PENSAMENTO: UM OLHAR SOCIO-PSICANALÍTICO
SOBRE O ROMANCE “A DESUMANIZAÇÃO”**

Trabalho de Conclusão de Curso II – TCC II
apresentado à Faculdade de Educação da
UNICAMP, como exigência parcial para a
conclusão do curso de Pedagogia, sob
orientação do Prof. Dr. Alexandro Henrique
Paixão

Campinas
2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Si38p Silva, Júlia Lemos Gabriel, 1996-
Os perigos do não-pensamento : um olhar socio-psicanalítico sobre o romance
"A Desumanização" / Júlia Lemos Gabriel Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Alexandro Henrique Paixão.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Mãe, Valter Hugo - Crítica e interpretação. 2. Psicanálise e literatura. 3.
Pensamento. I. Paixão, Alexandro Henrique, 1978-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: The dangers of non-thinking: a socio-psychoanalytic look at the novel
"Dehumanization"

Titulação: Licenciado

Banca examinadora:

Anderson Ricardo Trevisan

Data de entrega do trabalho definitivo: 13-12-2018

JULIA LEMOS GABRIEL SILVA

**OS PERIGOS DO NÃO-PENSAMENTO: UM OLHAR SOCIO-PSICANALÍTICO
SOBRE O ROMANCE “A DESUMANIZAÇÃO”**

Trabalho de Conclusão de Curso II – TCC II
apresentado à Faculdade de Educação da
UNICAMP, como exigência parcial para a
conclusão do curso de Pedagogia, sob
orientação do Prof. Dr. Alexandro Henrique
Paixão

Campinas, ____ de _____ de 2018

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Alexandro Henrique Paixão

Segundo leitor: Prof. Dr. Anderson Ricardo Trevisan

“A festa terminou ontem. Mas ainda há batalhas
dentro no peito, *que estão reclamando heróis*”
Carlos Drummond – Grande homem, pequeno soldado

AGRADECIMENTOS

Sou grata à uma infinidade de pessoas, levando em consideração que foram muitos os que cruzaram com o meu caminhos e me trouxeram aonde estou. Mas agradeço em especial, primeiramente, à minha família, aos meus pais, Sônia e Nestor, que sempre me apoiam e me provocam a questionar e sonhar cada vez mais e aos meus irmãos, Pedro e Luísa, que são parceiros na caminhada da vida. Agradeço aos amigos, Akemi, Carol e tantos outros, pelas conversas inspiradoras, acolhedoras, estimuladoras e pelos casos e experiências compartilhadas.

Sou grata também à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, foi nesse lugar que muitas ideias e sonhos foram mobilizados e nutridos. Agradeço, portanto, aos professores, estudantes, colegas e funcionários que compõem esse lugar e fizeram dele um ambiente de embates e de construção de conhecimento. Agradeço ao professor Anderson Trevisan por se dispor a ser meu segundo leitor e, em especial, agradeço ao meu querido orientador Alexandro Paixão que com paciência, interesse e sensibilidade me acompanhou e instruiu nessa trajetória. Muito obrigada.

MEMORIAL

Paulistana, nascida e crescida na agitada e calamitosa capital, por isso sou um tanto reflexiva, ansiosa e por horas, séria. Em São Paulo passei minha infância andando de bicicleta com meu pai pelo bairro, indo ao Parque Ibirapuera com meu irmão ou ouvindo histórias bíblicas contadas pela minha mãe. Passei muito tempo lendo, lembro-me bem do livro “Poliana”, meu avô, não muito presente, me deu esse mesmo livro duas vezes e eu o li nas duas ocasiões. Após alguns anos e muitos presentes recebidos descobri o método de escolha de presentes do senhor Pedro, ele costumava dar o dinheiro para a minha avó comprar os nossos presentes, não sei se foi o caso com esses livros, eu escolho acreditar que não. Imagino que da primeira vez ele tenha escolhido o livro e da segunda minha avó o tenha feito. Um fato é claro, o presente foi bem aproveitado. Com meu irmão, o primogênito, não acontecia o mesmo, escreveu até poesias para o querido xará, que mais tarde viria a se tornar um poeta como o avô.

Me entretinha com literatura infantil, mas o meu verdadeiro hobbie era inventar histórias, não como meu irmão, não as escrevia, eu as vivia. Não fingia, mas acreditava ser os próprios personagens inventados pela minha imaginação, as histórias eram muito reais em minha mente, era como se eu as estivesse vivendo, talvez eu estivesse. Na imaginação conversava até em inglês, mesmo sem saber nada da língua, às vezes até em espanhol, mas nem tanto, não era tão exótico.

Feliz ou infelizmente, nunca deixei de criar histórias e vivê-las. Por vezes me perco entre o que é real e o que não é. Heranças de São Paulo, acredito eu. Afinal, a grande cidade sempre provocou em mim sensações ambíguas, é um lugar cheio de eventos e oportunidades, mas a sua própria estrutura e forma de funcionar nos impede de tomar parte nessas atividades fazendo da vida e das experiências um tanto limitadas na realidade. De qualquer maneira, eu sempre escolhi viver e experimentar aquilo que me fosse provocar algo, mesmo que fosse uma história de mentirinha, por isso criava tantas histórias.

Como uma legítima paulistana, minhas origens não estão lá. Todos os meus familiares são mineiros, com exceção de minha irmã mais nova e dois primos, portanto, muitas das minhas férias e/ou finais de semana passei em terras mineiras. Tia Rita e tio Alisson nunca foram de ficar parados no mesmo lugar, então quando não estava em Minas eu os acompanhava em suas mudanças. Cresci em diversos lugares, viajei muito sozinha, em especial para o Espírito Santo e para o Maranhão. Eu adorava aprender as expressões

idiomáticas que as minhas primas usavam e chegando em casa as usava muito orgulhosa sabendo que ninguém fosse me entender.

Não era só a linguagem ou sotaque, mas as formas de se vestir, as formas de se fazer amizade, os assuntos, os hobbies, tudo era diferente nesses outros lugares. Eu ficava encantada, as pessoas eram como as com quem eu convivia no meu dia a dia, mas ao mesmo tempo muito distintas. De fato, isso era belo, me agradava, ainda mais porque eu podia experimentar um pouco dessa diferente cultura. Comecei a perceber que não era só longe que havia diferenças, mas mesmo perto de mim. Com 8 ou 9 anos, por exemplo, minha mãe deixou de me levar a escola de carro e passei a ir de perua. No começo eu achava ótimo, mas depois passei a sentir inveja das minhas colegas que iam de carona com os pais. Em especial, era encantador ver o pai da Viviane levá-la de bicicleta para a escola, ele parecia ser tão carinhoso, assim como o meu era comigo, mas eles passavam a manhã juntos. Finalmente, aos 10 anos, meu pai passou a me deixar no colégio pois era caminho para o seu trabalho e isso foi muito bom.

Eu entendia que as pessoas não eram iguais, algumas moravam em prédios, outras em casas e algumas colegas iam de bicicleta para a escola enquanto outras iam de carro ou de perua. Muitas crianças levavam salgadinho e toddynho de lanche, eu nunca, levava pão integral com queijo branco. Apesar de não gostar muito da minha merenda, eu não via a diferença como algo ruim, nem entendia que essas diferentes condições de vida traíam consigo valores ou qualificações melhores ou piores, eram simplesmente distintas.

O mundo era diverso e bonito. Às vezes eu tinha pesadelos, lembro de sonhar com a morte de uma amiga, aquilo me marcou por vários dias. Lembro de um pesadelo com abelhas também. Mas fora os pesadelos e as perdas de entes queridos, nada parecia tão dramático.

As histórias sempre a ajudaram a fazer sentido de tudo, sendo elas minhas, de filmes, de conversas, de lembranças das infâncias dos meus pais, de livros, ou de músicas. Especialmente músicas. Ela, a música, veio a ser minha maior paixão, até hoje. É bom ter paixões, concluí.

Estudei em quatro escolas diferentes no decorrer da minha formação básica. Conheci pessoas diferentes, fiz novas amizades, pratiquei esportes, comecei a estudar alemão, fiz até natação e teatro. Ademais, por um ano morei longe de meus pais, e em razão disso aprendi também que podia fazer muito sozinha. Pude ir para a escola sem ninguém me acompanhando, explorar a cidade de bicicleta sozinha, gastar e gerir dinheiro sozinha, viajar sozinha, fazer amigos de diversos lugares e origens, conversar em diferentes línguas e

misturá-las, ter opiniões fortes sobre o mundo, criticar as atitudes dos outros, tocar e cantar em público, comer sorvete em dia de semana.

Percebi que mundo era vasto e grande, muito maior que o meu mundo pessoal. Eu sempre soube que haviam pessoas opostas a mim, em costumes e pensamentos, mas uma coisa é saber, outra é viver. Passei a me entender como um pequeno indivíduo, com poucos costumes e visões, dentro de um mundo diverso e gigante. A minha forma de viver e perceber o mundo era desafiada a todo o momento. Me deparei com outras concepções de mundo e classes sociais, vi minha fé e meu estilo de vida serem questionados e me incomodei com as questões. Não foi fácil conhecer o diferente, foi dolorido perceber as dores alheias e como elas estavam tão próximas a mim, tocando-me a todo momento. Novamente a literatura entrou em ação e, dessa vez, como uma forma de me permitir conhecer a mim mesma e ao mundo ao meu redor.

Meu irmão sempre foi um grande incentivador da leitura. Na adolescência não era chegada aos livros. Ele foi quem mais me deu livros e quem tentava conversar comigo sobre eles. Compartilhava comigo suas músicas, poesias e contos. Por mais que não lesse muito, me sentia acolhida e próxima à literatura. Os poucos livros que li foram presentes ou obrigatórios para a escola, me marcaram. Dostoiévsky, Erico Verissimo, Moacyr Scliar, Júlio Verne, Jostein Gaarder e George Orwell foram alguns dos meus companheiros de leitura.

Durante o Ensino Médio precisei fazer um estágio, fazia parte do currículo para os segundos anos. Me inscrevi, através da escola, para fazer em uma organização governamental que dava apoio aos moradores de rua. Não fui aceita, havia poucas vagas, fui realocada para uma creche. Por duas semanas eu cuidei, brinquei e ensinei crianças de 2 a 6 anos. Que delícia. Mas não me imaginava estudando Pedagogia. Eu queria estudar Engenharia Química.

Mas nem tudo foram rosas. Voltei para casa, depois de um tempo longe da minha casa e da minha família. A cidade da garoa me aguardava. Mas preciso admitir, voltar não foi fácil, partir era mais confortável. Me senti como se o mundo novo que eu havia descoberto não coubesse mais em mim, me senti descolada. O meu tamanho já não era mais o mesmo, eu já não encaixava tão bem na minha vida antiga e não era como os outros esperavam que eu fosse. Meus interesses haviam mudado, minhas percepções desenvolvidas, minhas dores aumentadas, minhas histórias já não eram apenas minhas, mas eu compartilhava experiências e me deixava influenciar pelas narrativas alheias. A menina que só ouvia Taylor Swift, Michael Buble e Carlos Lyra passou a escutar de tudo, até rap alemão. Minha compreensão daquela realidade era de que ela era um tanto enigmática, em princípio eu ainda era a mesma, morava no mesmo lugar, tinha os mesmos amigos, a mesma rotina e ao mesmo tempo eu

estava diferente, era outra, por isso foi tão difícil e desconfortável lidar com essa nova/velha vida.

Comecei a ter outras preocupações e me percebi um tanto desordenada, não queria apenas estudar algo que eu pudesse fazer bem e que me desse prazer, eu queria mudar o mundo. Faltando dois meses para a inscrição do vestibular eu não queria mais fazer nada. Encurtando a história, eu acabei me inscrevendo para Pedagogia e Direito. Passei em Pedagogia e entrei.

Eu me apaixonei pela Unicamp e pelo curso. Vivi as sete maravilhas nos meus dois primeiros anos. Quanta novidade. Eu morei com 16 meninas de cursos variados, comecei a estudar disciplinas como Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia e me encantei. Sempre me imaginei estudando exatas, até me senti um tanto deslocada na faculdade, na dúvida se estava me dedicando para uma área na qual não conseguiria me desenvolver tão bem. As aulas de Filosofia me levavam para outros mundos, era uma disciplina que eu estudava com muito prazer, quase que naturalmente. Sociologia e Política me deixavam um tanto triste e desanimada, o mundo me decepcionava. Tantas vezes liguei para a minha mãe me perguntando o que estava fazendo ali, porque não tinha jeito mesmo.

De repente a vida começou a impor-se, o terceiro ano chegou, e me desafiou com seus pontos de interrogação. Com ele vieram as crises, as dificuldades, os estágios. Eu fiz meu primeiro estágio e não me encontrei na sala de aula. A Júlia que amava as disciplinas teóricas começou a odiar a prática, foi então que surgiram muitas dúvidas e questionamentos. Eu já não sabia se deveria largar o curso e ir estudar algo diferente ou se deveria continuar. A Arisa sentia o mesmo, e assim, nós nos demos força.

Como já disse, sempre sonhei com um mundo paralelo. Não entendo ao certo o que isso significa, sei que sempre me imaginei de diversas formas possíveis. Quando crescemos parece que temos que entender quem somos ou escolher quem somos, precisamos ter mais clareza das coisas. Escolher o que estudar, com quem se envolver, onde viver, como comer, se vestir, pensar. Para mim isso sempre foi difícil, não gosto de somente experimentar, mas de ser essas múltiplas possibilidades. Me percebi como Drummond: “O menino ambicioso não de poder ou glória, mas de soltar a coisa oculta no seu peito escreve no caderno e vagamente contra à maneira de sonho sem sentido nem forma, aquilo que não sabe” (1980, p.6).

Em 2015 eu fiz parte de um projeto de iniciação à docência (PIBID) organizado pelo professor Renê. Nosso grupo tinha estudantes de várias áreas do conhecimento diferentes, Pedagogia, Filosofia, Ciências Sociais, História, foi uma experiência educativa e expansiva. Trabalhei com uma turma do terceiro ano na disciplina de Filosofia, e foi como descobrir um

mundo novo trabalhar em uma turma com 30 estudantes, quatro estudantes surdos, uma professora e uma interprete. Eu nunca tinha me deparado com intérpretes e surdos na escola, sendo assim, mergulhei nos estudos. Comecei a aprender libras, a estudar sobre educação de surdos.

Nesses estudos aprendi algo muito inovador que mais tarde se tornou importante. Quando uma pessoa pensa, ela faz uso não só de diferentes formas de linguagem, mas da sua própria língua, um pensamento é geralmente uma frase. Então, quando uma criança surda alfabetizada pensa, ela não ouve uma frase, mas imagina mãos realizando libras. Isso ficou na minha cabeça, qualquer criança ou pessoa já pensa antes de se alfabetizar, mas com essa capacitação se torna capaz de entender melhor o que pensa e de tornar esses pensamentos mais complexos e provavelmente passa a se conhecer melhor.

Raymond Williams diz algo parecido sobre a educação de adultos. Ele trabalha com literatura e tem como foco o ensino de literatura clássica sem a intenção de simplesmente disseminá-la, mas de oferecer uma oportunidade para que todos possam ler de tudo e assim possam ter a habilidade de escolher o que ler, afinal todos precisamos de uma condição mínima de autonomia para poder tomar decisões.

Dessa forma é possível compreender que a aprendizagem e o contato com os pensamentos de outros nos permitem conhecer-nos a nós mesmos melhor. A menina que queria mudar o mundo através da Educação, percebeu que o que ela buscava não era poder ou glória, mas ela queria, como o menino Drummond, compreender o que estava oculto no seu peito. A diferença é que o menino escrevia poemas e romances para se entender, e eu, a menina que criava histórias sobre si e o mundo, agora queria escutar essas histórias e compartilhar experiências. Por isso escolhi Pedagogia, a educação acontece num movimento íntimo entre pessoas que se compartilham a si mesmas, seus conhecimentos/experiências e se abrem ao novo, ao mundo, e na relação constroem algo novo.

É isso que explica essa pesquisa. É uma tentativa de entender o mundo que nos cerca, o que nos toca ou deixa de nos afetar, como o sofrimento e a dor nos comovem e podem impedir que ocorra essa relação de construção tão almejada pela educação.

Como já disse, a literatura sempre fez parte da minha vida. Na forma de contação de histórias na cama logo antes de dormir, na leitura de prosas e versos com meu irmão poeta, nas canções, nos livros. Ora foi um contato amistoso, ora penoso. De qualquer forma ela esteve presente e o que mais me marcou foi a sua constância e intensão. Por mais que em momentos minha ação fosse passiva, a literatura nunca permitiu que minha leitura fosse essa,

mas foi sempre envolvente e provocativa, mobilizando em mim movimento e, assim sendo, experiência.

Meu desejo é que esse trabalho possa servir como parte do processo de provocação e para que quem o ler sintasse não apenas tocado, mas movido, tanto pelo amor quanto pela dor, pois ambos nos constituem, a continuar caminhando, pensando, sonhando e que assim, possam através de suas simples vidas e não com atos heroicos e pontuais, continuar construindo e transformando o mundo.

RESUMO

O presente trabalho constitui uma pesquisa bibliográfica de autores advindos de diferentes áreas, como psicanálise, sociologia, estudos literários, acompanhada da leitura e análise do livro “A Desumanização” de Valter Hugo Mãe. Entende-se a literatura, para além de outras configurações, como uma forma de registro da experiência humana que é rica, complexa e que exige uma leitura atenta. Assim sendo, a análise do texto literário, sem atalhos, visa mobilizar diferentes discussões, reflexões, apresentar diferentes referências na busca de se analisar, interpretar e discutir o não-pensamento da personagem Halla do romance de Valter Hugo Mãe. O marasmo vivido pela protagonista do romance a impede de viver experiências e sonhar, o intuito desse trabalho é entender, discutir e procurar conceituar como o não-pensamento constitui essa condição vivida pela jovem e qual a relação estabelecida com a sua desumanização.

Palavras-chave: Não-pensamento; Pensamento; Experiência; Desumanização.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 13

CAPÍTULO I

A experiência de Halla: a conexão do não-pensamento com a sua desumanização..... 17

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 50

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 52

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objeto de pesquisa o romance “A desumanização” de Valter Hugo Mãe, que, por sua vez é um livro deslumbrante. Ele revela um paradoxo, ser simples e complexo ao mesmo tempo. A sua escrita e o seu enredo apresentam ao leitor inocência e sofrimento, ingenuidade e densidade, é difícil sair intacto dessa leitura.

Esse livro foi lançado no Brasil em 2014 pela editora Cosac Naify. O autor é o artista plástico, poeta e romancista Valter Hugo Mãe, também autor dos livros “O Filho de Mil Homens”, “O Apocalipse Dos Trabalhadores” e “O Nosso Reino”. Também escreveu “O Remorso De Baltazar Serapião” que ganhou o prêmio literário José Saramago e trouxe reconhecimento público para o autor e “A Máquina de Fazer Espanhóis” que ganhou o Grande Prêmio Portugal Telecom de Melhor Livro do Ano e Prêmio Portugal Telecom de Melhor Romance do ano. O angolano radicalizado em Portugal é um dos autores portugueses mais destacados da atualidade, com sua obra traduzida em muitas línguas, como inglês, alemão e francês. Nasceu em Saurino, Angola, em 1971 e aos dois anos mudou-se para Portugal. Graduou-se em Direito pela Universidade do Porto e completou um Mestrado em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea na mesma universidade (MÃE, 2014). Uma curiosidade sobre o autor é que Valter Hugo Mãe é seu nome artístico, seu nome, na verdade, é Valter Hugo Lemos (DACOME, 2017).

Esse não é um livro fácil, mas cheio de vida e proposições reflexivas. Em linhas gerais, ele apresenta a história de uma menina de 12 anos e sua trajetória de amadurecimento, ela descobrindo e enfrentando esse novo mundo que se apresenta a ela, o mundo adulto. Ainda criança ela perde sua irmã gêmea, Sigridur, com quem ela dividia os momentos, as felicidade e aflições, elas eram confidentes e inseparáveis. Além de dor e confusão quanto a sua própria identidade, por ter perdido a irmã gêmea e ter que lidar com as expectativas dos outros quanto a quem ela deveria ser, a protagonista, Halla, passa a ser desprezada pela própria mãe que enxerga nela uma lembrança dolorida de Sigridur. No decorrer da história a protagonista vai refletindo e descobrindo suas próprias emoções, tentando entender o que lhe acontece, seus sentimentos, desvendando a sua sexualidade, lidando com o sofrimento e a dor da morte, buscando um sentido para a vida.

A escrita do livro é marcada por melancolia e insatisfação, a impressão que se passa é de que a protagonista busca, constrói hipóteses, questiona, mas que nada, de fato, lhe acontece. É como se a menina, Halla, estivesse rodeada por atividades, muitos acontecimentos

que, inclusive, diziam ao seu respeito, mas nada se convertia em experiência¹. Nenhuma ocorrência a tocava ao ponto de exigir que ela não apenas se posicionasse, mas agisse a respeito. A sensação é de que durante todo o romance ela está em suspensão, prestes a tomar uma decisão, uma ação, mas esse momento nunca vem a ser. Até que em certo momento ela decide impor-se e comete um ato de extrema violência.

O tema dessa pesquisa, portanto, é o pensamento em suspensão, aquele que compreende muito, que busca ser pensado, mas que não proporcionou experiência ainda. O denominaremos: não pensamento, mas poderíamos falar de uma atitude teórica. Preferimos não-pensamento, porque pretendemos discutir o que é experiência e pensamento, deixando os sentidos de teoria, teoremas, teorizações para outro momento.

Assim como a monotonia penosa vivida por Halla em “A desumanização” a proporciona muitos momentos de suspensão, em algum momento tudo aquilo vivido ganha vida ao ser transformado em experiência e a provoca tomar uma ação. Nesse momento o não-pensamento se transforma em atuação, só que em um feitiço extremamente violento. Esse trabalho vai propor que o não-pensamento, é o mesmo que o não sonho e que sem esse é impossível ter experiências e praticá-las de forma realmente vital. Onde há não-pensamento, temos a morte, se há a vida, aí estamos sonhando, ou melhor, pensando. Mas, vamos por parte. Precisamos compreender primeiro algumas ideias sobre o sentido de experiência.

Walter Benjamin pensou e escreveu sobre experiência no começo do século XX. Segundo o pensador no seu texto “Experiência e Pobreza” a experiência é transmitida aos jovens na vida em sociedade (1987). Esse movimento pode ser benevolente ou ameaçador, no entanto, a experiência nunca foi tão desmoralizada desde as Guerras Mundiais, a experiência econômica pela inflação, a fome mundial, a experiência moral pelos governantes. Todas serviram em um processo de perversão das experiências e elas se tornaram banais. Ao tratar da desmoralidade da experiência, Benjamin a compreende como uma falta de sensibilidade por parte das pessoas e considera que isso tem sido provocado pelo patrimônio cultural, pela estrutura da sociedade e pela maneira que as pessoas têm se relacionado (1987).

A ausência de experiência preocupa o autor pois ela deixou de ser um problema privado, que afeta o sujeito nos âmbitos pessoal e individual, e se tornou em um revés da humanidade, que acontece com toda a sociedade e, assim sendo, transformou-se na nova

¹ Experiência nesse contexto é entendida a partir da perspectiva de Jorge Larrosa Bondia no seu texto “Notas sobre a experiência e o saber da experiência” (2002). O conceito é tratado pelo autor como um algo que aconteceu ao sujeito e o toca a ponto de transforma-lo. O acontecimento só não tem efeito, mas a experiência é como a paixão, ela não é passiva, está sujeita ao sofrimento, ela se expõe e se esconde, ela deixa vestígios.

forma de barbárie. Nesse sentido ela afirma o conformismo, estimula o bárbaro a se contentar com pouco e a seguir em frente. A barbárie tem como característica a desilusão radical com esse século, ao mesmo tempo que promove uma total fidelidade com o mesmo. Benjamin aponta que sem a experiência, há pobreza. Pobreza de humanidade (BENJAMIN, 1987).

Jorge Larrosa (2002), um teórico brasileiro, também escreveu sobre experiência. Para o pensador, a experiência se relaciona com a vulnerabilidade e com o risco, sendo aquilo que é capaz tocar no íntimo do sujeito e de mobiliza-lo a sair da inércia.

É incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada a toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (LARROSA, 2002, p.25).

Para Larrosa a experiência acontece àqueles abertos para a sua própria transformação (2002). Unindo os conceitos de Walter Benjamin e Jorge Larrosa, a alternativa para a desumanização, portanto vem da experiência, procede da capacidade de ser tocado e transformado pelo que lhe acontece e distancia-se do conformismo, da inabilidade de elaborar e criar, de sonhar, e destarte possibilita o afastamento da barbárie.

Permanece um impasse. Há desumanização e há barbárie, concomitantemente há experiência e sonho, o que leva cada sujeito a determinado caminho são as arbitrariedades do ambiente. Ou seja, o que leva um sujeito a ter ou deixar de ter experiências é a relação do meio externo, afetivo e social e o que ele proporciona com a maneira pessoal e interior do sujeito de perceber e receber tudo isso. Portanto, se esse meio que é externo ao indivíduo possui tanta importância e força, se ele tem influência sobre os sujeitos e suas experiências, então ele é de fundamental importância. Se ele refletir o interior, o que se sente, o que nos toca, o que nos mobiliza, então, porventura, poderá aproximar-nos daquilo que nos humaniza.

O estudioso Antônio Candido (1988) concorda com Benjamin, para ele esta é uma época de barbárie ligada à civilização em que os meios de progresso têm também permitido a degradação da maioria. Mas ele adiciona uma nova perspectiva, uma esperança, um sonho. Ele percebe que em todos os tempos os homens e mulheres se utilizaram de diferentes instrumentos literários para se expressar. Para ele é a literatura que promove o equilíbrio social, pois permite que as pessoas descansem, extravasem e, ainda mais importante, sonhem.

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo (CANDIDO, 1988, p.175).

A literatura, na sua visão, nega, propõe, confirma, denuncia, apoia, combate e fornece possibilidades de vivermos dialeticamente os problemas. Complementa essa ideia a compreensão de que o fornecimento de possibilidades trazidas pela literatura só se sucede por conta da expressão e do compartilhamento que o autor ou sujeito oferece daquilo que lhe toca e é real na sua vida pessoal (CANDIDO, 1988). A literatura é uma forma de se expor ao mundo e compartilhar suas percepções, dores e alegrias e dessa forma compartilhar e oferecer experiências. “Isto significa que ela [a literatura] tem papel formador da personalidade” (CANDIDO, 1988, p. 176). Suplementarmente, a literatura possui díspares modalidades pois os sujeitos são e têm necessidades diferentes. Dessa forma, algumas se debruçam sobre as iniquidades sociais e alimentam o combate pelos direitos humanos, outras se preocupam em pensar sobre os objetos mais íntimos aos seres e há também as que observam e contemplam as belezas da natureza. Além disso, ela pode incutir sentimento de urgência quanto aos problemas, possibilidades e felicidades da realidade.

Por isso, para Candido (1988) o direito à arte e literatura em todas as suas modalidades é um direito humano e alienável, e o sendo constitui-se em parte daquilo que nos humaniza. Portanto, uma forma de impedir a desumanização, é através da literatura. É ela que mobiliza a produção de pensamento, de criação, e, acima de tudo, provoca-nos a sonhar.

À vista disso, esse trabalho tem como estudo teórico as relações entre a experiência e a humanização através do pensamento, procurando através do estudo do romance “A Desumanização” conceituar o não-pensamento. E sua metodologia compreende o método de explicação de texto do estudioso Erich Auerbach (2001). Essa foi a estratégia que guiou o teórico na criação da sua mais notável obra “Mimeses”. Portanto, a análise do romance proposto consiste na apresentação de uma certa quantidade de textos desse escrito que servem de base e colocam à prova os pensamentos propostos para a explicação e conceituação do não-pensamento. Isso situa o leitor dentro do assunto e do contexto específico do romance, possibilitando a discussão e compreensão da questão apresentada. Esse movimento permite a autora do trabalho dar um destaque aos trechos que preferir e comentar sobre eles, ocasionando o oferecimento de uma interpretação dirigida por uma intenção específica que ganha forma no decorrer da análise do texto. Essa análise se realiza com base em textos procedentes da Sociologia e Psicanálise, não segue leis, mas correntes de pensamentos e oferece formulações que permitem elasticidade na reflexão, mas pode deixar passar algumas questões por despercebidas pois se deparam com um tema amplo e complexo.

No primeiro, e único, capítulo intitulado “A experiência de Halla: a conexão do não-pensamento com a sua desumanização” será apresentado o romance de Valter Hugo Mãe, “A Desumanização” e concomitantemente uma análise do texto com base em referências trabalhadas advindas de diferentes áreas de estudo, como psicanálise, sociologia, estudos literários, que servirão de embasamento para a análise do romance que terá como foco discutir e refletir sobre a trajetória psíquica da protagonista, Halla, e o que a impediu de pensar/sonhar por conta própria. Esse exercício de análise me mobilizou a utilizar o autor Donald Woods Winnicott, um pediatra e psicanalista, que escreveu obras de referência como “Da pediatria à psicanálise”, “A criança e o seu mundo”, “O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional”, entre muitas outras (STEINWURZ, sem data). E também me impulsionou a usar o trabalho de Wilfred Ruprecht Bion, outro psicanalista de referência que escreveu mais de 50 títulos em um período de 40 anos sendo alguns deles “Experiências com grupos – Fundamentos da Psicoterapia de Grupo”, “O Aprender com a experiência” e “Elementos de psicanálise” (ADRIATTE, sem data).

Em seguida será proposta uma discussão sobre a história de Halla e o não-pensamento que resultou na sua desumanização, constituirá em um comentário e ponderação sobre o que é humanidade e o que nos confere humanidade. Um autor mobilizado nesse momento será o Primo Levi, um judeu italiano sobrevivente de Auschwitz. E por fim apresentarei as considerações finais da pesquisa.

CAPÍTULO 1 – A experiência de Halla: a conexão do não-pensamento com a sua desumanização

“A Desumanização” de Valter Hugo Mãe. Dentre os qualificativos, predominam os que indicam intensidade, genuinidade e busca. Confunde-se, no entanto, passividade e atividade, atuação e inserção (ação). É Halla uma jovem ativa que busca e pensa sobre sua realidade e age sobre ela? Ou é uma menina, vítima das condições postas a si? Ela é capaz de pensar?

A psicanálise, entendida como uma “forma de investigação psicológica que tem por fim fazer acudir à consciência os sentimentos obscuros e adormecidos ou longínquos”², será

² “psicanálise”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/psican%C3%A1lise> [consultado em 23-11-2018].

empenhada na busca de uma compreensão maior do processo de construção da identidade de Halla para possibilitar o entendimento do efeito que as pessoas e os acontecimentos exercem sobre a jovem, juntamente com o porquê e como ela reage a eles. A psicanálise proporciona um caminho para que possamos conhecer melhor a psique de Halla, por isso a sua presença se faz fundamental na análise do romance.

Esse é um livro intenso, nos provoca uma reviravolta de sentimentos e emoções a todo momento. Halla é apresentada, logo de início, como uma menina que sofre. Ela se apresenta:

Eramos gêmeas. Crianças espelho. Tudo ao meu redor se dividiu por metade com a morte (MÃE, 2014, p. 9).

Halla não se apresenta a si mesma apenas, mas consigo sua irmã gêmea. A morte as dividiu e o impacto na vida de Halla foi intenso. Ela se mostra uma pessoa incompleta, como se com sua irmã parte dela tivesse desaparecido também. Dor e separação marcam não somente a condição e realidade atual da pequena, mas também sua identidade, ela se sente vazia, afinal, Halla e Sigridur eram inseparáveis. Eram tão amigas que se sentiam a mesma, se divertiam, sonhavam, criavam histórias malucas e fugiam juntas, brincavam com a imaginação, com beleza, sobre segredos e fantasias. Enquanto estivessem unidas, estariam felizes.

Fazia sol, íamos deitar garrafas ao mar. Escrevíamos mensagens aos desconhecidos, pedindo sorte e prendas, pedindo visitas. Contávamos histórias tolas e confissões, ficávamos cheias de esperança que alguém nos atendesse (MÃE, 2014, p. 20).

Estávamos furiosamente habituadas a cair e a esfolar os joelhos e as mãos quando fugíamos do Einar. Comparávamos as feridas. Queríamos ter as feridas iguais. Quando tínhamos as feridas iguais até ficávamos felizes (MÃE, 2014, p. 22).

Era fundamental que fôssemos cada vez mais gêmeas. Que se notasse. Que tivéssemos um destino comum, uma felicidade comum, um respeito comum, que estivéssemos sempre juntas (MÃE, 2014, p. 22).

A relação das meninas é marcada por brincadeira, esperança e prazer de viver, por serem símeis e buscarem cada vez mais essa semelhança e pela caminhada de vida feita em união, o destino comum das duas, as irmãs não eram apenas gêmeas e unidas, eram o refúgio uma da outra, eram também conforto, nunca estavam só, mas na companhia da sua maior confidente. A parceria é tanta que se passa a sensação delas serem uma.

Até então, o que se sabe do romance e da história das meninas é que são gêmeas e sempre foram muito unidas, ao ponto de se reconhecerem uma na outra e construírem suas identidades nessa união.

Os psicanalistas ingleses Bion e Winnicott ao estudarem a psique dos bebês, a origem dos pensamentos e a construção da identidade dos sujeitos, apontam para a centralidade da relação do bebê com a figura materna na satisfação de suas necessidades e desejos, e mais tarde das figuras com personalidades fortes na construção das identidades. Pode-se perceber, portanto, que a relação entre as irmãs vai ser importante para a análise pois elas se identificam uma com a outra de uma forma bem intensa e além de fugirem juntas das advertências, elas sonham, ou pelo menos o parecem fazer.

Infelizmente, Sigridur adocece seriamente. As meninas que antes eram uma, agora começam a pensar separadamente, afinal, a vida delas deixaria em breve de ser a mesma, elas se deparam com um sentimento de insegurança, acompanhado de muitas dúvidas. Sigridur se questionava sobre o sentido da sua vida e se preocupava com o futuro da irmã, pois não queria ser esquecida. Halla, por outro lado, guardou suas perguntas para mais tarde, enquanto a irmã se recuperava, ela prestava atenção e tentava responder as suas indagações. Quanto a si mesma e suas questões, elas estavam suspensas, seu momento chegaria, mas por hora vivia apenas em êxtase.. Com êxtase me refiro a um momento de suspensão e contemplação em que os outros sentidos foram pausados, não me refiro à qualidade do momento ou sentimentos positivos quaisquer. E além dessa sensação, Halla se encontra à espera da melhora de sua irmã, os outros destinos nunca foram uma opção.

Tristemente, sua gêmea vem a falecer, isso causa um choque na vida de Halla. Torna-se uma experiência traumática, algo que não apenas marca a sua vida, mas que a acompanha. Em tudo que lhe acontece, namoros, viagens, brincadeiras, leitura, decisões, Halla pensa em sua irmã e tenta imaginar como seria a vida com ela. A vida de Halla continua, mas agora ela está sozinha e não se sente preparada. Precisa da irmã, de sua ajuda, mas não a tem. Tudo isso intensifica sua dor.

O seu sonho concebia tudo e todas as espertezas. O meu era apenas um modo rudimentar de a imitar. Pensei em muitas ocasiões que não éramos gêmeas. Pensei que ela era genuína e eu apenas uma imitação (MÃE, 2014, p. 103).

Halla divide com o interlocutor um sentimento profundo que a assombra. Ela se encontra abandonada e sem sentido, como se não fosse útil ou original, como se sua melhor parte, a que pensa e que sonha, tivesse desaparecido, servindo de profunda frustração e desespero. Wilfred Bion (1962), nos seus estudos sobre o desenvolvimento do pensamento afirma que o pensamento é uma experiência emotiva que envolve o indivíduo. Ele pode ser

classificado diferentemente de acordo com a sua natureza histórica como pré-conceito, concepção ou pensamento.

O primeiro, o pré-conceito, consiste no que Kant chamou de “pensamento vazio”. É uma forma rudimentar de pensamento constituída por uma expectativa. A concepção, por sua vez, representa o momento em que o preconceito encontra impressões sensoriais adequadas e se torna um pensamento verdadeiro: é o encontro do pré-conceito com sua satisfação. A concepção estará sempre relacionada às experiências emocionais de satisfação. Diferentemente, o pensamento, está limitado ao encontro do pré-conceito com uma frustração (BION, 1962).

Se a capacidade de tolerância à frustração por parte do bebê for o suficiente, então a falta do que é esperado e desejado, o “não-peito”, torna-se um pensamento e desenvolve no pequeno um aparato para “pensar” que se denominará mente ou intelecto. Essa capacidade de suportar frustração permite à psique promover o desenvolvimento de pensamento e é um meio pelo qual a frustração possa ser tolerada em um nível mais confortável. No entanto, se a capacidade de tolerar a frustração for inadequada, o mau “não-peito” interno não será reconhecido como um pensamento (o que mostra que a personalidade não é capaz de amadurecer) e confrontará a psique com a decisão de fugir da frustração ou modificar isto. Essa incapacidade de tolerar a frustração provoca a evasão da frustração e tem como resultado a construção de um objeto ruim, ao invés de um pensamento. Esse objeto é indistinguível de uma coisa e só serve para a evacuação (BION, 1962).

Dessa forma, o psicanalista aponta que a incapacidade de tolerar frustrações pode obstruir o desenvolvimento da capacidade de pensar (BION, 1962). No momento que o desenvolvimento desse aparato é perturbado outro fenômeno é iniciado, o desenvolvimento da identificação projetiva. Ela representa um mecanismo de defesa da mente pois evacua os sentimentos doloridos e caóticos, mas também permite que o sujeito que tem limitações no desenvolvimento do pensamento projete a sua identidade no outro e crie um modo de ser em que se enxerga como parte desse outro (CAVALLARI,2001).

Esses conceitos psicanalíticos oferecem uma compreensão da relação firmada entre as irmãs. Halla se mostra sem identidade e criatividade diante da ausência da sua outra metade, isso indica que a pequena projetava sua identidade na irmã e a união das duas sempre fortaleceu isso, pois ambas faziam tudo junta. Quando a irmã morre, Halla se desestabiliza, perde sua referência, a pessoa que ela imitava, e por isso se encontra em um desconfortável estado de vulnerabilidade.

Além disso, ela se encontra um tanto quanto perdida, pois a morte da irmã mobilizou uma variedade de outros sentimentos em Halla, sendo um dos mais fortes o de cobrança.

Sigrídur, pouco antes de morrer, perguntou a irmã se a Islândia queria que ela morresse, se esse era mesmo seu destino. Halla refutou. A irmã continuou com as perguntas, questionando-se quanto à morte, perguntou se seria possível sonhar e se a morte sonhava. Halla respondeu que sim. “Durante a morte sonha-se” (MÃE, 2014, p. 24).

Halla, tu achas que vou poder saber o que passa durante sua vida e saber se sentes a minha falta (MÃE, 2014, p. 24).

Ninguém precisa saber que já não estou aqui. Se os mortos forem heróis, ou realizar os teus sonhos. Vou ficar a olhar por ti, mesmo que não me consigas ver (MÃE, 2014, p. 25).

Sigrídur não queria sumir, não queria desaparecer ou ir embora, não se identificava com a morte. Queria continuar sonhando, poder ver tubarões, cuidar da irmã, dos conselhos, impedir que ela fizesse besteiras, queria viver com a irmã. E mesmo ainda viva, se sentia distante e longe, já não era a mesma com a irmã mais, já estava indo embora. Ela compartilha suas questões com a irmã, mas não deixa de sonhar, ela diz que vai continuar cuidando de Halla mesmo depois da morte.

... e durante a morte vais pensar em mim, e vais ao cabeça espiar as baleias para que eu veja as baleias durante a morte. Tenta ver um tubarão. Nunca vimos um tubarão a viver. Queríamos tanto (MÃE, 2014, p. 24).

A menina adoecida exige cuidado e afeto nesse momento tão dolorido e projeta seus sonhos na irmã o que Sigrídur não foi capaz de realizar em vida esperava que Halla pudesse concretizar. Não é à toa que Halla nesse momento não retrata muitos dos seus pensamentos, como usualmente o faria, ela compartilha o que a irmã estava vivendo, quais eram os questionamentos e preocupações da irmã, e o que ela tem feito em relação a tudo isso.

A sensação que se passa é a de que Halla sente uma grande pressão vinda da irmã, como se ela fosse responsável por manter seus sonhos vivos e também parte da irmã ainda viva, mesmo depois da morte. Mas as pressões não vêm só de Sigrídur para Halla, mas de todos ao seu redor. Com a morte de Sigrídur, ela se sente cobrada pelas expectativas da irmã e por todos os sujeitos ao seu redor. E não quaisquer indivíduos, mas os que também compõem parte de sua identidade. Ela vive um momento de sofrimento, crise de identidade e grande mixórdia, e ainda por cima precisa aprender a lidar com as expectativas alheias e de pessoas que marcam sua existência. Aí começa a luta de Halla, pois precisa se reencontrar, definir

quem é ou quer ser agora sem a sua irmã. A ela é dada uma grande responsabilidade, cuidar-se para não deixar sua irmã morrer dentro de si e nem para os outros, não permitir que Sigridur seja esquecida.

Mas o romance não é só sobre as duas irmãs. Esse acolhe diversos sujeitos que tem participações importantíssimas. Após apresentar a si e a sua irmã, Halla mostra seus pais, personagens sem nome, apenas chamados de pai e mãe. Com eles é apresentada a condição emocional da família, que tem fortes impactos emocionais na menina.

Sua mãe é depressiva, vive em sofrimento, dor e agonia, não aceitou a morte da filha, direcionando toda a sua raiva e dor sobre sua gêmea sobrevivente. Halla, que por conta própria, já sofria demasiadamente, ao invés de se sentir acolhida pela mãe, sente-se rejeitada e recebe uma grande carga da culpa da mãe depressiva.

Podia ser que eu estivesse ainda mais magra por ter ficado vazia dos poucos gramas que pesava a alma. A minha mãe chamava-me estúpida. Perguntei-lhe que sentido encontrava na vida. O que andaríamos ali a tentar descobrir. Mas ela nunca o saberia. Surpreendeu-se com a profundidade da questão. Foi um modo instintivo que tive de a magoar, para que não me ofendesse com a sua contínua e impensada rejeição (MÃE, 2014, p. 12-13).

Halla sofre com o tratamento que a mãe lhe oferece e tenta machuca-la de volta. Não há harmonia e não há troca entre as duas, nem brigas, apenas desprezo e abandono. Isso provoca um esvaziamento na pequena e no seu relacionamento com a mãe. É iniciado um processo de desesperança, uma reconhece na outra os fins de qualquer forma de redenção pois projetam o que perderam. A mãe perdeu sua filha, ao mesmo tempo a menina perdeu parte de si e sua mãe. Poder-se-ia dizer que ambas perdem um pouco de suas humanidades, pois enxergam em outro ser humano, e não qualquer um, mas em membros da própria família, desconsolação e perdem um pouco a capacidade de cuidar, se preocupar e confortar uma a outra.

Seu pai, pelo contrário, é o herói da história. Ele é o único sonhador no romance e o único que em alguns momentos consegue resgatar a filha para uma vida cheia de sentido e quem sabe até propósito. É ele quem dá forças para Halla nesse momento tão violento e de horror. A sua contribuição é feita através da literatura, ele lê com a filha e a incentiva a ser uma ávida leitora, também escreve poesias e compartilha seus sentimentos mais íntimos com a jovem, ensinando-a sobre o sofrimento, a beleza e os sonhos. O pai também é relatado como um sofredor, mas como alguém que ainda sorri, que ainda sonha e que vê na filha a sua esperança, a sua vontade de continuar lutando.

O meu pai, que era um nervoso sonhador, abraçou-me brevemente e sorriu. Um sorriso silencioso, o modo de revelar ser tão imprestável quanto eu para o exagero da morte. Comecei a sentir-me violentamente só (MÃE, 2014, p. 11).

A última sentença o seguinte trecho se destaca por provocar certo estranhamento. A narradora acaba de apresentar o pai como um sonhador e como alguém com o qual se é estabelecido um relacionamento afetuoso e carinhoso, espera-se que ela se sinta bem com isso, mas não é o que acontece, isso faz com que ela se sinta “violentamente só”. Dois aspectos podem ser notados através dessa confissão. Machuca sentir-se acolhida, provavelmente pois não é o seu abrigo original, o pai é como se fosse um substituto da irmã e isso a faz pensar na morte da irmã e causa dor. O segundo aspecto é a incredulidade e pessimismo que a morte provoca em Halla. Ela se percebe imprestável na ausência da irmã e projeta esse sentimento nas outras pessoas e mesmo em seu pai, seu poço de sonho e esperança, ela projeta trivialidade e exagero. Ela perde um pouco da capacidade de sonhar e por um simples motivo, porque dói.

Repeti: a morte é um exagero. Leva demasiado. Deixa muito pouco (MÃE, 2014, p.13).

Halla deixa claro que a morte retira muito dela, ela passa um bom tempo tentando entendê-la, mas em algum momento se conforma. A morte não tem função alguma, é um simples exagero, é a maldade em si e por isso sonhar dói, ter esperança machuca, pois tudo pode ser perdido e sem explicação ou razão alguma. Alfred Lord Tennyson (1997), o poeta inglês, em um de seus poemas “Tears, idle tears”³ exprime a mesma dor de Halla. Ele olha para o passado, ainda fresco e suave em sua memória, e sente-se violentado pois é afligido por um sofrimento sobre qual ele não tem controle e nem sequer consegue entender.

Winnicott (1965), o psicanalista inglês, em seus estudos, debruça-se sobre as necessidades dos bebês. Cada um desde o nascimento já possui um jeito próprio de ser, um self coeso e que já define um estilo próprio de estar no mundo. Ele denomina isso de gesto espontâneo ou criatividade. Isso indica o eixo principal que definirá a singularidade daquele sujeito, a sua capacidade criativa.

A interação dessa criatividade individual com o ambiente acolhedor gera experiência e ela é fundamental para o pensamento, para ele é a partir da experiência que a psicanálise é escrita (NETO, 2005). Ele diz que nesse momento da vida os instintos não estão claros ou definidos, enquanto o ego infantil se constrói e ganha força, as consequências afetam as

³ Tradução livre: “Lágrimas, ociosas lágrimas, eu não sei o que elas significam”.

demandas do Id que se identificam como demandas do próprio self, ao invés de se reconhecerem como respostas ao ambiente. Quando esse processo ocorre, a satisfação do Id fortalece o ego, ou o Self Verdadeiro. Ao mesmo tempo, as excitações do Id podem ser traumáticas se o ego não for capaz de englobá-las. O ego pode não estar preparado para saber lidar com as frustrações vivenciadas até chegar ao ponto das satisfações do Id se tornarem fatos.

O Falso Self tem a função defensiva de proteger e esconder o Self Verdadeiro. Na vida em sociedade, todos possuem características em suas personalidades que precisam ser contidas ou escondidas, o Self Verdadeiro corresponde à essência da personalidade de alguém e que em certas situações precisa ser protegida. O Falso Self, portanto, é o que entra em ação e esconde o primeiro. Em um extremo o Falso Self tende a se identificar como a pessoa real nos relacionamentos, nas relações de trabalho, nas amizades, mas em algum momento ele começa a falhar. Situações que demandam e esperam uma pessoa completa, o Self Falso não é suficiente, alguns aspectos essenciais faltam porque o Self Verdadeiro está escondido. Isso é um reflexo da desintegração do sujeito, aquele que possui um Falso Self que sobressai ao Self Verdadeiro não está saudável ou integrado, ele é um reflexo de como o ambiente falhou em suprir suas necessidades e o mesmo precisa de referências para tomar suas ações, não é independente. Ambiente aqui pode oferecer dois significados. No primeiro momento, enquanto se é bebê ele representa a mãe ou a figura materna, mas quando esse sujeito crescer e se tornar adulto passa a ser tudo o que lhe é externo.

Ao relatar sua história, Halla diz entender que um dos motivos da união das duas era por elas poderem fugir da realidade juntas e encontrar conforto uma na outra. Isso dá a entender que ambiente familiar, antes mesmo da morte de Sigridur, já era um tanto instável. Mas com a morte da irmã isso se intensifica, pois, a mãe projeta na filha todas as suas frustrações e dores e Halla perde esperança na vida. Isso aproxima a pequena à possibilidade de se encontrar instável e desintegrada, pois desde a infância, e até aquele momento em especial, o ambiente falhou em suprir algumas de suas necessidades psíquicas. Unindo essas condições com a sua dependência na irmã, é possível perceber que a personalidade e individualidade da protagonista foi pouco desenvolvida, pois suas realizações sempre estiveram na irmã, não nela. Isso mostra e explica uma das características de Halla, ela é dependente.

É importante notar que todos os personagens apresentados e presentes no romance são aqueles que de alguma forma influenciam Halla, mas não apenas, eles constroem com ela, a

identidade da personagem: há um toque de cada um em quem a menina é e torna a ser durante a sua caminhada de vida. Por conta disso, as expectativas projetadas na menina simplesmente por parecer com a irmã falecida advindas das pessoas ao seu redor lhe soam como muita pressão. Ela, então, se vê encarregada de cuidar de si mesma, algo que ela não sabia fazer, pois até então faziam tudo juntas, sempre foram uma, agora precisava aprender a se virar sozinha. E além disso percebe que precisava ser Sigridur para os outros e manter sua memória viva, as expectativas e falas dos adultos a confundia.

Partindo dessas ponderações, observemos alguns momentos do romance. No trecho abaixo Halla se refere a irmã, ao cuidado que queria ter tido com ela, fica frustrada com sua insensibilidade quanto às condições em que a irmã se encontra. Ela consegue se colocar no lugar da irmã e ao comparar as condições ela se preocupa. Percebe que continuava confortável enquanto permitiu que a irmã partisse de uma forma desagradável e sem cuidado, ela sente que não cuidou bem da irmã e se sente mal por isso. Nesse momento é apenas nisso que Halla considera, como a irmã acabou de ir embora, significa que a tensão em casa com a mãe e com os outros adultos ainda não foi instaurada, Halla demonstra sua genuinidade e cuidado para com a irmã.

Os mortos não se encolhiam, não se aconchegava melhor, ficavam tal como os tivessem deixado. E eu sabia que deveria ter acautelado isso. Devia ter visto se levava um agasalho, se estava puxado até o pescoço, se lhe puseram almofadas ou haveria aquilo de ser apenas um tecido nas tábuas duras (MÃE, 2014, p. 9).

No que diz respeito à preocupação ao arrependimento expressados por Halla no trecho apresentado, captam-se traços de infantilidade e genuinidade. O que incomoda é a irmã ter sido enterrada numa posição desconfortável. Isso denota profunda sensibilidade. Apesar de ser uma apreensão boba, é possível acreditar na sinceridade da menina. No entanto, em um segundo momento, depois que Sigridur já está sabidamente morta, após os maltratos da mãe sobre a filha sobrevivente e em resposta às cobranças dos adultos direcionadas a Halla sobre sua responsabilidade em consolar a alma da irmã e cuidar para que essa alma não se fosse também, a protagonista sente-se sobrecarregada, confusa e atarefada. A sua forma simples e genuína de se preocupar com a irmã “muda”. Ela já não se sente apenas frustrada, mas lhe parece que o cuidado para com a irmã vem em detrimento do cuidado para consigo. Para uma menina que já tinha dificuldades de estar só, essa realidade surge como um momento de dificuldade e muita insegurança, inclusive, de identidade. Halla não sabe mais quem é e nem para que sua vida ou morte servem.

Gostava que pudesse aparar meu corpo também. Ficar eternamente criança por vontade, nem que desse muito trabalho. Ser sempre assim, igual ao que fora a minha irmã. O único modo de continuarmos gêmeas. Sabes, pai, se eu crescer e não crescer a Sigridur vamos ficar desconhecidas. Faz de mim um bonsai. Peço-te. Corta o meu corpo, impede-o de mudar. Bate-lhe, assusta-o, obriga-o a não ser uma coisa senão a imagem cristalizada da minha irmã. Vou passar a andar encolhida, dormir apertada, coer menos. **Vou sonhar tudo o mesmo ou sonhar menos.** Querer o mesmo a vida inteira ou querer menos. Querer o que ela queria (MÃE, 2014, p. 11-12 – grifo do autor).

Halla vive um momento de luta intensa. Primeiramente, ela não quer abandonar a irmã. Mas lhe parece que para manter o espírito da irmã consigo ou vivo ela precisa abrir mão de si mesma e do seu desenvolvimento. Ela percebe que isso não é normal ou sequer natural, mas insiste dizendo: “nem que desse muito trabalho”. Aos poucos vai percebendo que precisa ter uma vida própria, que precisa se conhecer e se construir como sujeito, que precisa crescer. Mas o ambiente falha com ela em diversas situações, há o desprezo da mãe, as cobranças alheias e tudo isso deixa ela confusa e sem saber o que fazer. Por isso ela cede, diz querer ser um bonsai. Mas para que isso seja possível ela precisa sonhar menos. Vejamos, ela diz que deixar de crescer pode dar trabalho e que para isso precisa sonhar menos, a própria menina admite que o sonho é o que nos permite desenvolver, mudar, se transformar, mas como isso é dolorido não é isso que ela busca. O não-sonho aqui pode ser entendido como um não-pensamento, aquilo que nos é necessário, que acompanha a experiência e nos é vital.

A minha mãe disse-me que precisávamos de sacrificar o coração. Não sentir e não temer. Ter medo era egoísmo insuportável. Eu gritei. Chamei-lhe louca, má, chamei-lhe diabo (MÃE, 2014, p. 33).

Eu sabia bem que aceitar a morte da minha irmã era um egoísmo e contradizia muito a minha família (MÃE, 2014, p. 19).

Mas o impulso do não-pensar não vem só de sua dor pessoal, a mãe impactada pelo seu próprio sofrimento cobra sacrifício, submissão à realidade. Diz que o medo é egoísta, pois Halla tinha medo de aceitar a morte da irmã, algo que a mãe condenava, ela precisava viver em sofrimento, renegar a si mesma. Assim, ela entendeu que para conseguir paz e para lidar com a ausência de Sigridur, seria necessário abrir mão de sua família no sentido de abandonar as expectativas postas sobre ela e definir seu próprio caminho. Para se encontrar perderia todo o resto.

Concomitantemente com toda essa conjuntura assustadora o pai entra em cena na tentativa de trazer força para a filha. Eles conversam sobre beleza, compartilham suas poesias e seus sentimentos mais profundos, o pai ensina-a a sonhar. Halla vive um paradoxo. Para ser aceita precisa ter menos sensibilidade e responsabilidade, ser mais obediente como a mãe e os

outros exigiam, como se para ser humana aos olhos de todos, precisa ser menos humana. Mas o pai a impulsiona na direção oposta.

O termo humanidade nesse contexto é entendido como apresenta Primo Levi em seu livro “Os afogados e os sobreviventes” (2004). Para o autor o único jeito de sermos menos humanos é não sermos responsáveis. Isso implica em primeiramente consciência, ser capaz de pensar sobre o que lhe acontece, e em um segundo momento em compromisso com a coletividade. “Seja como for, e já que não se pode supor que a maioria dos alemães aceitasse levianamente o massacre, é certo que a não difusão da verdade sobre o Lager constitui uma das maiores culpas coletivas do povo alemão e a mais aberta demonstração de avilzeza a que o terror hitleriano o tinha reduzido” (LEVI, 2004, p. 10). O que Primo está afirmando é que a Europa e o mundo hoje seriam diferentes se a maioria dos alemães não tivessem sido passivos aos estranhos comportamentos nazistas, se tivessem tido responsabilidade⁴. Para Levi o que caracteriza humanidade é ser responsável, pois ele toma decisões, sente aflição, mas é capaz de agir.

O inferno não são os outros, pequena Halla. Eles são o paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal. A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão quanto pensam os peixes. Dura pelo engenho que tiver e perece como um atributo indiferenciado do planeta. Perece como uma coisa qualquer (MÃE, 2013, p. 15).

Aqui a conversa do pai com a filha é de extrema profundidade, é apresentado um dos dilemas da vida, o dilema sartreano. Halla escuta de seu pai que não é possível alguém ser humano sozinho, precisa-se de companhia, é necessário alguém com quem compartilhar essa humanidade. Por isso os outros são o paraíso, pois sem o outro o homem é um animal. O pai tenta mobilizar na filha um sentimento de confiança para que ela se sinta bem na companhia de outros que não a irmã, mas Halla vive uma ambivalência, a mesma proposta por Sartre. Há uma ambiguidade, pois os outros também são o inferno. Para Sartre (2005) os indivíduos vivem uma ambiguidade, ter os outros como paraíso e inferno aos mesmo tempo. Em sua peça “Entre Quatro Paredes” afirma que os indivíduos estão todos condenados a serem livres, que é impossível não ser nem um pouco livre, ou completamente dominado, mas que ao mesmo tempo somos seres humanos que precisam do outro. Se todos somos livres, independentes, e nos relacionamos, quer dizer que haverá conflito, na essência da humanidade há conflito, não paz. E isso é profundo e belo, pois mostra que está na natureza do homem a luta, a vontade de

⁴ “Naquele momento, quando voltávamos a ser homens, ou seja, responsáveis...” (LEVI, 2004, p. 55).

mudança, o desenvolvimento, afinal, a paz não nos é natural, como o conflito, mas é ela que buscamos.

Isso tem valor para a jovem Halla, pois ela vive um momento de intenso estresse, extrema violência e abandono. O que o seu pai lhe diz é que isso faz parte da vida, mas que concomitantemente há outras possibilidades, há ambiguidade, mas também o que possa ser feito. Existe esperança.

Sobre a beleza meu pai também explicava: só existe a beleza que se diz. Só existe a beleza se existir interlocutor. A beleza da lagoa é sempre alguém. Porque a beleza da lagoa só acontece porque a posso partilhar. Se não houver ninguém, nem a necessidade de encontrar a beleza existe nem a lagoa será bela. A beleza é sempre alguém, no sentido em que ela se concretiza apenas pela expectativa da reunião com o outro (MÃE, 2014, p. 27).

Sem um diálogo não há beleza e não há lagoa. A esperança na humanidade, talvez por ingênua convicção, está na crença de que o indivíduo a quem se pede que ouça o faça por confiança. É o que todos almejamos. Que acreditem em nós. Dizermos algo que se torne como verdadeiro porque dizemos simplesmente (MÃE, 2014, p. 27).

Perguntei-lhe se dizermos o nome da Sigridur era manter-lhe a beleza, como manter-lhe a vida. Ele disse que sim. Era exatamente isso. Eu tive vontade de dizer o nome da minha irmã em voz alta (MÃE, 2014, p. 27-28).

Não é a ermo a maneira que o pai se apresenta a filha, afinal “... a poesia, a beleza, o amor, são coisas pelas quais vale a pena viver” (SOCIEDADE, 1990). Ele a ensina que vale a pena lutar e provoca a filha a pensar, ele quer que ela seja alguém por conta própria e entende que isso se dará no contato com outros sujeitos e no encontro com os seus sentimentos e emoções. Para isso ser possível, a menina precisa entrar em contato com a sua memória, isto é, com os sentimentos vividos, sua experiência compartilhada. Isso evoca o entrelaçamento do pensamento com a experiência, pois sem o contato com seus sentimentos e o que se é, torna-se impossível se expor à experiência. A memória nos impulsiona a pensar, pois ela nos traduz o vivido.

Mas para a filha essa dinâmica não é trivial. Ela é provocada a fazer uso da memória para não apenas lidar com a morte da irmã, mas supera-la no sentido de se tornar independente, de poder entender ou refletir sobre o que lhe acontece e assim elaborar, criar possibilidades e viver de forma original e nova. No entanto, não é à toa que Halla luta contra a lembrança e o pensamento. Como já foi dito a morte da irmã foi uma experiência traumática e de acordo com Primo Levi (2004, p. 18) “... a recordação de um trauma, sofrido ou infligido, é também traumática, porque evocá-la dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a

cancelar a recordação para não renovar a dor”. Falta a Halla coragem e é isso que o seu pai tenta lhe conferir.

Retomando à psicanálise para entender o que acontece com Halla ao decorrer de sua vida, Bion (1962) aponta dois aparatos que ajudam os indivíduos a lidar com os pensamentos, ou com a dificuldade de pensar, os “Elementos Alfa e Beta”. Eles expressam problemas e chamam atenção a eles por não serem bem-vindos na psique. O elemento beta representa a premissa de um pensamento, como se fosse um proto-pensamento, desorganizado e cru, enquanto o elemento alfa é o elemento anterior transformado e organizado em um pensamento. Ou seja, o elemento alfa é o que integra e estrutura o elemento beta em um pensamento. Isso nos diz duas coisas: a primeira é que os sujeitos não estão condenados a serem os mesmos sempre, pois há condições na psique e no ambiente que permitem e provocam mudança; o segundo é que o pai de Halla representa o seu elemento alfa. Ele provoca a filha a pensar, tenta toca-la, se esforça a fazer com que ela sinta a necessidade de se movimentar e sair da inércia, ele é a esperança e a possibilidade de mudança.

A filha é influenciada pelo pai e partilha com ele um apreço e paixão pela literatura. Cabe aqui destacar a o valor da literatura na vida, tanto em relação a experiência quanto ao pensar. Raymond Williams (1958) defende a literatura como algo que tem um fim em si mesmo para além do entretenimento, sua função é de compartilhar, repensar, refletir e experimentar para registro de uma experiência humana. Em complementação, Candido (1988) a reconhece como um instrumento de expressão, de instrução e educação. Ela se insere no contexto social posto e dialoga com os problemas. Compartilha, expõe-se e provoca o engajamento do interlocutor. É quase como se a literatura na sua forma fosse responsável e, conseqüentemente, dotada de humanidade.

...os poemas deveriam ser assim, como caixas onde estivesse tudo contido e onde, por definição, pudéssemos entrar também (MÃE, 2014, p. 32).

Cativada pelos poemas a jovem se sente íntima deles ao ponto de conceitua-los e tecer críticas. Ela entende o poder e beleza da palavra escrita, chega a demonstrar que tem necessidade dessa forma de linguagem que compreende imagens do mundo, emoções e permite que os sujeitos “entrem” e também sejam parte dela. Thomas Mann em seu romance “As cabeças trocadas” (1988) oferece uma percepção da poesia como um recurso da intuição do coração humano para “atingir a contemplação do puro e do espiritual” (MANN, 1988, p. 19). É como se ela servisse de um retrato da realidade que nos permite vislumbrar a verdade.

Por conta disso, de se relacionar com a poesia, Halla até parece pensar. A impressão é de que ela está engajada, que a literatura a provoca bastante e mexe com ela pois possibilita aparentes reflexões, oferece conversas com o pai sobre a vida, a morte, beleza, os sentimentos, proporciona o sonho. Mas algumas questões continuam pendentes. Até que ponto essas divagações e pensamentos interferem na sua vida e provocam mudanças? Ela é uma menina muito crítica e reflexiva, sempre apontando considerações importantes sobre o que lhe acontece, mostrando a luta que vive, os dilemas que está a enfrentar, mas, tal criticidade parece ser meramente mental, intelectual, não uma experiência. Tanto que sua crítica não se transmuta em ação: Halla acaba a esperar e não se posiciona tão cedo. Na verdade, escolhe obedecer, fica à deriva do destino, aguardando que algo lhe aconteça ou que alguma solução lhe seja apresentada. Ela parece estar em suspensão, à espera de algo, talvez até de um herói.

O que digo é só bom porque pode ser dito, mas não se põe de parede para a casa ou de barco para a fuga. Não podemos navegar numa palavra. Não podemos ir embora. Falar é ficar. Se falo é porque ainda não fui. Ainda aqui estou. Preciso me calar, pai. Preciso de aprender a calar-me. Quero muito fugir (MÃE, 2014, p. 34).

Mais uma vez fica em evidência um aspecto da vida de Halla, está a viver uma luta. Primeiramente ela coloca que fala, mas que precisa calar, pois quer fugir. Isso tem relação com o trecho anterior em que diz precisar sonhar menos, mas nesse momento há um detalhe interessante. A jovem estabelece uma relação entre a fala com a fuga. É como se a fala impedisse a fuga, pois ela não é uma simples exposição de palavras, abrange muito mais. A fala nesse sentido diz sobre a realidade, pois se relaciona com o “ficar”, mostra-se compromissada com o que está a acontecer, essa fala da protagonista comunica. De acordo com Levi (2004) comunicar é o único mecanismo que nos torna humanos. Falar abrange comunicar que só existe com o pensar. Falar é pensar, é sonhar. O que Halla quer dizer, portanto, é que a humanidade machuca e que por isso ela quer fugir. Pensar dói e ser responsável, comunicar, também.

Se abrissemos a terra da Sigridur, ela estaria ali diminuindo e sem gestos. Não valeria de nada que a víssemos daquela maneira. Porque seria tão diferente do que fora e mais diferente de mim. Talvez fosse isso o que significava a morte entre gémeas. Deixávamos de ser gémeas e que brava-se a telepática relação que existirá até então. A morte impedia a irmandade e as semelhanças. Justificava-se assim que ela nunca me tivesse dito nada, nunca me tivesse feito entender [...]. Naquele instante [...] supliquei por mim. Deperto ou de longe, que me deixassem todos, deus e a Islândia, a Sigridur e o Einar, os meus pais e as andorinhas zangadas, que me deixassem todos medrar. Precisava urgentemente do futuro (MÃE, 2014, p. 54-55).

Belo é o excerto. Ele compartilha o instante em que Halla percebe que Sigridur é limitada, é apenas uma pessoa e que talvez não precisasse servir de referência para tudo. Isso acontece, pois, a irmã sobrevivente decide negar a sua dor, ao invés de pensar em Halla e no seu desconforto como o fez anteriormente, ela decide que não vale a pena, que essa dor não tem motivo de ser, o porquê de lembrar e se importar com Sigridur não justifica a dor. Nesse movimento de negar a importância da irmã na vida dela, de negar quem ela imitava, a sua referência, ela sente a necessidade de se distanciar de todos, afinal, sua falta de personalidade faz com que se relacionar seja difícil, torna as expectativas alheias recebidas como cobranças pesadas e, quiçá, até insuportáveis. Em seguida vem a necessidade urgente de um futuro, Halla que sente o peso de ter a personalidade baseada em outros sujeitos percebe que enquanto for assim dependente não terá o que anseia, o futuro, e que por isso precisa se distanciar. Nesse contexto, “futuro” pode ser entendido como a capacidade de sonhar, pois imitar cansa e a impede de pensar e elaborar hipótese por conta própria.

O que me magoa está por definir e tem-me aqui presa quanto me obriga a fugir. De igual modo me propõe a morte e a vida ao mesmo tempo (MÃE, 2014, p. 55).

Trata-se de um momento de tanta intensidade que a menina não sabe se a realidade está lhe convidando a viver ou a morrer, ela vive momentos muito contraditórios, esperanças, poesias e ao mesmo tempo cobranças e dores. Ela busca e está desesperada, não consegue decidir se deve lutar por sua humanidade ou fugir. Não sabe até que ponto precisa dos outros ou não, se identificar em outra pessoa pode ser um peso muito grande. Mas se isolar dos outros pode ser muito radical. Ela quer um meio termo, quer um futuro, não aguenta mais o presente, mas lutar é dolorido e demorado. Ela luta, deverá sucumbir à desumanização, à adequação, ou se levantar e se inserir na sociedade como um indivíduo independente?

A vida continua, Halla não age. Mesmo assim, novos personagens vão aparecendo e constituindo a realidade da pequena. Steindór, o representante do cuidado e amor com as pessoas. E Einar, alguém que as irmãs odiavam e fugiam, mas ao mesmo tempo alguém que as unia, por ser uma espécie de inimigo comum. Sigridur, antes de partir, pede para Halla não se relacionar com ele, mas Halla não parece ter muito controle quanto ao que lhe acontece, é uma criança desintegrada de si mesma. Impossibilitada de pensar e agir por conta própria, é levada pela correnteza da vida.

Einar se interessa por Halla e começa a tentar seduzi-la. Não demora muito para os dois começarem a se relacionar, mas para Halla tudo é muito confuso, ela não entende as coisas que lhe acontecem, diferentemente de Einar que já é um homem, bem mais velho e

sabe muito bem tudo o que faz. A relação que Halla começa a ter com Einar é um tanto passiva, afinal, ela está à espera de algo, não toma decisões, mas segue o que lhe é imposto.

Einar, então, começa a insistir em conversar e passar mais tempo com Halla, ela quer seu direito a solidão e silêncio, mas ele não permite. Chega a dizer palavras e coisas românticas, falando de planetas e estrelas, se esforça para se fazer inteligente, implicado, organizado etc. Preocupa-se e ao mesmo tempo tenta dar conselhos a jovem:

... perguntou-me se andava calada pela tristeza. Foi o modo como perguntou, um instante súbito de consciência, de respeito, uma tristeza que ele também sentisse, compaixão. Confundi-me. Respondi que sim. Que perder o jeito das conversas. Andava por ali a ver no vazio coisas de mentira. Andava por ali a ver no vazio coisas de mentira. Andava a ver o vazio das coisas. Porque, sem a Sigridur, tudo perdera o conteúdo. Estava oco. Como se ela fosse o dentro de tudo. O dentro dos peixes e o dentro das pedras, o dentro de todas as mãos e dons sons, o dentro das paisagens, das subidas acentuadas, do medo de cair, da profundidade do mar, a chuva todos os dias. O dentro de mim e o dentro do Einar. E eu pensava em coisas de mentira. Imaginava e tinha sonhos. Ele ficou parado (MÃE, 2014, p. 36).

O Einar: não tens que estar sozinha. Só sentir. Sentir, sim. Estar, não. Até não te sentires sozinha (MÃE, 2014, p. 37).

Aqui Halla confirma, pensar na irmã, imaginar, enfrentar sua dor se relaciona com o sonhar e isso dói. Mas voltando ao Einar, ele começa a alcançar Halla através da escuta, pergunta a ela sobre tristeza e se mostra preocupado, ninguém se mostrou preocupado com ela após a morte de Sigridur, isso parece chamar sua atenção. Então ele aproveita para aconselhá-la e dizer que ela não precisa estar sozinha. Pode parecer um simples evento, mas é o começo de uma longa jornada. Em seguir Halla mostra sua cicatriz a Einar e se comove com sua reação. “Achei que estava quase a chorar por mim. Estava comovido. Nunca nenhuma percepção me fora tão revolucionária quanto aquela” (MÃE, 2014, p.37). A menina está sensível e precisa ser acolhida, ela mesma fica comovida pois surpreendentemente recebe esse carinho de quem menos esperava, Einar. Ela, então, confessou ao homem sobre a depressão de sua mãe e como a odiava. Mostrando certa infantilidade e carência, a menina chega à conclusão que aquele contato que tem com Einar é na verdade algo mais sério e que exige compromisso, não sabe ao certo o que é, mas confia nele e os dois começam a se relacionar

Pedi ao Einar que nunca mais matássemos flores. Era nosso pacto. Não matar as flores, o que parecia um compromisso absoluto em favor da vida. Ele aceitou como se finalmente me tornasse sua namorada (MÃE, 2014, p. 37).

Trata-se de uma menina ingênua em sofrimento que não tem o amor de sua própria mãe e que busca abrigo pois perdeu sua referência, sua irmã. Ela então se sente conectada a

Einar quando ele simplesmente assume o compromisso de não matar flores, para Halla aquilo era muito, era sério, um namoro. A verdadeira tragédia se concretiza quando Einar tira proveito de toda aquela situação. Ele um adulto, um tanto infantil e excluído do convívio com outros da sua idade, se aconchega no carinho e compromisso da pequena Halla e a abusa sexualmente. Ela não entende o que acontece, não tem nem consciência do que significa aquilo, mas as consequências são evidentes, pois a jovem de apenas 12 anos acaba engravidando.

Primo Levi (2004) ao relatar sobre as vítimas nos campos de extermínio afirma que todos tinham deveres e trabalho, mas que não compreendiam o que faziam nem os significados da ordem instaurada, pois não havia condição de se pensar. “Cercado pela morte, muitas vezes o deportado não era capaz de avaliar a extensão do massacre que se desenrolava sob seus olhos” (2004, p.12). Por mais que os contextos sejam bem diversos há algumas semelhanças. A vida de Halla é marcada pela morte, a menina perde a irmã, depois perde a mãe, ela se sente desolada e abandonada tanto emocionalmente quanto psiquicamente, além disso, ela era apenas uma criança de 12 anos, por isso não entendeu nada do que lhe passou e ainda se tornou fiel a Einar, protegendo-o a todo custo.

O que permitiu tudo isso foi provavelmente o estado vulnerável de Halla, no momento ela sentia que precisava de alguém para substituir o cargo que sua irmã ocupava. Einar poderia ser essa pessoa, mas com a descoberta da gravidez tanta Halla quanto sua mãe começou a projetar esperanças na vinda do bebê. Portar um outro era uma promessa, afinal, quem tem filho precisa de futuro, escreveu Hugo Mãe no início desse romance. Halla era agora portadora do futuro. Era um filho da violência, mas era uma esperança mesmo assim.

A dificuldade de pensamento fez de Halla uma pessoa dependente, que não suporta solidão e que é passiva, que precisa copiar e imitar. Ela procurava alguns heróis e encontrou isso em Einar. Isso também é explicado pelo psicanalista Winnicott que em seus estudos sobre a psique dos bebês afirma que quando o ambiente falha em suprir as necessidades do bebê, ele desenvolve o Falso Self ao ponto de ele sobressair o Self Verdadeiro. Quando isso se concretiza significa que o Self Falso não se desenvolveu de uma forma muito autossuficiente e que como consequência o sujeito não consegue refletir, criar e elaborar uma personalidade ou identidade, ele precisa copiar das pessoas com personalidades mais fortes ao seu redor. Mas não somente isso, pessoas guiadas pelo Falso Self podem ser inteligentes, intelectualizadas, críticas. Todavia, todos esses recursos mentais são atuações, teorizações, não experiências.

Isso explica a incapacidade de Halla de agir e tomar decisões, esclarecer como ela começou a se relacionar com Einar mesmo sem gostar dele e também elucida como começou a se tornar o herói da história, substituindo o lugar da irmã.

Com a história da gravidez sendo difundida pela cidade, e como se ela em si já não fosse um choque o bastante, a menina precisa agora enfrentar muitos desentendimentos, muitas cobranças, mas ela protege Einar a todo custo. A mãe apresenta novas crises, hora odiando a criança que virá e em outros momentos vendo esperança. O pai de Halla começa a ser acusado de ter abusado da menina, mas em algum momento a verdade vem à tona. A pobre menina, que já apresenta sérias dificuldades em construir uma identidade própria e dependência de pensamento, agora, sob tanta confusão, sente-se indefesa e na necessidade de obedecer e atuar menos ainda. Ela acha que precisa pertencer a Einar, que precisa ser fiel a ele e que precisa aprender a amá-lo. Nesse sentido, Halla começa a desistir de si.

Jurei que não fora ninguém das nossas pessoas. Jurei por mim e minha irmã. Jurei-o encarando o Einar que, de alguma maneira, não deixou de entristecer por negar o que nos pertencia, como se o impedisse de aceder ao meu amor. Como se o rejeitasse. Quis pedir-lhe desculpa por ser tão nova. Por ser tão ridícula. Por ter nenhuma autoridade sobre os meus sentimentos, sobre o meu corpo e a esperança tão difícil de algum dia ser adulta. Eu queria muito pedir desculpa por não servir para nada. Para criança ou para mulher. Era um lugar de intermédio, sem autoridade nem submissão completa. Apenas um impasse. As raparigas aos dozes anos eram ridículas. O meu pai disse: foi o Einar. Dois homens levantaram-se e empurraram o meu namorado tolo para a rua. Talvez lhe tivessem batido. Escutaram-se umas palavras abafadas. As nossas pessoas comentaram. Eu esperei. O Steindór deixou-me sair (MÃE, 2014, p. 66).

O sentimento de abandona da jovem é tão grande que para além de não conseguir desenvolver uma personalidade própria, ela se desvaloriza completamente, não se sente útil nem para ser criança, ou sequer para ser mulher e ainda pede desculpas por ser quem é. Com todas essas confissões e considerações percebe-se que Halla continua se sentindo violentamente só, a diferença é que agora não há tempo ou condições favoráveis que a permita pensar sobre a sua real condição. Ela continua em suspensão, esperando uma solução arbitrária, mas não está parada, está se ocupando, seguindo Einar.

Mas sua caminhada não é linear, há momentos em que ela se fortalece, em busca de uma solução para todos os seus problemas, em outras situações está a odiar Einar, ou percebe que ele é fraco, pouco inteligente, sem personalidade e projeta seus sonhos e esperanças em outros sujeitos. O possível herói que surge e traz confiança e novas expectativas a Halla é seu filho, sobre ele ela esboça sonhos.

Vivia ansiosa. Ansiava pelo meu filho como quem fizesse o próprio mundo nascer. Depois que nascesse, ele ocuparia o lugar inteiro do mundo. Seria o tamanho inteiro de cada coisa e tudo se justificaria pela sua existência. Pensei: será o dentro de tudo. Ocupará o vazio de tudo deixado pela Sigridur (MÃE, 2014, p. 69).

Por pouco tempo surge a possibilidade de um novo salvador, mas essa ilusão não se sustenta por muito tempo. A segunda tragédia se configura na morte do bebê antes mesmo do seu nascimento.

Quando me puseram um filho quieto nos braços, **julguei que o meu próprio corpo se tinha ao colo**. Julguei que os meus braços se seguravam. O corpo quieto do meu filho ainda mal completo. Minúsculo. Enrugado. Uns gramas de filho que não se sustentaram. Estavam no pano postos como uma prensa inexplicável. Era um filho à pressa. A minha mãe disse: fazes tudo assim, maldita, fazes tudo como se fosses um bicho. Vou gostar de te ver morta como um bicho também. E eu respondi: morra a senhora também, minha mãe. O Einar veio gritar de louco ao pé da nossa casa. Souberam todos que eu estava de morte ao colo. Souberam todos como ele chorou e se enfureceu. O meu pai, punido, abraçou o louco. Deixou-o entrar. Eu disse-lhe: está morto. Agora, é mais uma coisa de deus (MÃE, 2014, p. 80-81 – grifo do autor)

A beleza desse momento de profunda tristeza está na sentença que foi destacada. Percebe-se que quem fala, a mãe do bebê, na verdade, é uma criança e, ainda mais, que precisa de colo. Ela mostra sua própria desintegração pois ela não tinha sido versada antes. É ela quem precisa de apoio e cuidado, que precisa que o ambiente não falhe e que a suporte para fortalece-la. Ao mesmo tempo, a pequena se sente responsável por cuidar de Einar e ajudá-lo a superar suas dores. Mas algo surpreendente acontece, o pai de Halla aparece novamente como fortaleza, mas dessa vez não cuida apenas da filha, ele dá apoio para o homem que ele tanto desgosta, dá conforto a Einar, e isso impacta Halla.

Andei comigo as coisas nenhuma que me pertenciam. Levei a camisola da Sigridur. Olhei para a casa como se a deixasse absolutamente vazia. Senti que a Sigridur era o passado. Estava posta no passado igual a ter-me abandonado. Afinal, pensei eu, a morte não tem sequer inteligência suficiente para te deixar falar-me. A morte é egoísta. Talvez nem te deixe passar perto do menino. Talvez não reconheça direito a nada. A morte não dá direito a nada. É a supressão de toda a dignidade (MÃE, 2014, p. 89).

No entanto, o sentimento de desintegração, o não pertencimento de Halla é tão intenso que não vê mais chance ou perspectiva em nada, nem mesmo na irmã, perde enfim, o contato com a irmã e deixa de projetar nela seus medos, inseguranças e sonhos, talvez até deixe de sonhar. Porque o ambiente constantemente falhou com Halla ela tem dificuldade de se integrar e se tornar independente e responsável. Isso é um grande perigo.

De acordo com Winnicott o Falso Self defende o Self Verdadeiro, mas o segundo é reconhecido como um potencial e lhe é permitida uma vida secreta, é como se o Verdadeiro Self fosse a possibilidade e o processo gradual de integração do sujeito. O Self Falso tem

como preocupação principal procurar por condições que permitam ao Self Verdadeiro desenvolver a si próprio. Se essas condições não forem encontradas, então, é preciso reorganizar uma nova defesa para o Self Verdadeiro, a falha nesse processo resulta em suicídio. O suicídio nesse contexto é a destruição do Self Total num movimento de se impedir que o Verdadeiro Self seja aniquilado. Fica a cargo do Falso Self organizar essa autodestruição, e então o Falso Self também deixa de existir, mas ao mesmo tempo deixa de ter um Self Verdadeiro para proteger. Isso significa que a frustrações intensas de Halla e a falta de suporte do ambiente pode permitir e provocar a morte do seu Self.

As dificuldades da vida continuam enfraquecendo a jovem, a sua mãe infelizmente começa a desanimar o pai também. Ele começa a ver a filha, que já mora com Einar a um tempo, cada vez menos. Ainda empresta livros e conversa com ela sobre poesias, mas começa a diminuir a frequência da escrita, a ter menos tempo, a brigar menos com a mãe e a se identificar mais com ela e a sofrer e choramingar com mais frequência. É triste observar que o homem até então forte e esperançoso começa a se desencorajar.

Mas Halla não sucumbiu nem desistiu totalmente. Em diversos momentos ela afirma desistir ou se entrega a Einar, mas em seguida recebe forças de alguém, algum episódio e não sucumbe, mas se apegua às possibilidades de mudanças. Ela está vivendo, de fato, uma luta, e não é fácil para a personagem. Pode até parecer confuso para o leitor tentar entender suas teorizações, pois elas mudam sem linearidade, mas se observarmos suas ações, na realidade não há nenhuma mudança sequer, a sua passividade se intensifica cada vez mais. Ela ainda está indecisa, volta a se lembrar da irmã e ainda está à procura de algo. Nessas suas idas e vindas, mudanças de posicionamento, algo acontece, ela começa a se apegar e se encantar com Einar cada vez mais.

Eu achara que o Einar era um valente. Subitamente, aparecia como mais e mais honesto aos meus olhos. O Einar era mais pequeno do que eu em muitas espertezas. Sentia-lhe carinho por isso (MÃE, 2014, p. 54).

A personagem nesse momento já não é nada como a menina do começo do romance. Ela agora admira Einar, o homem do qual ela fugia, quem lhe causava asco por ser tão desinteressante e superficial. Agora esse homem é uma das suas razões de existir, o mesmo homem que a violentou de diversas formas diferentes. A vida da jovem protagonista da história é marcada por violência, mas para ela não é tudo claro, mas particularmente ambíguo. Primo Levi (2004) trabalha um conceito nomeado zona cinzenta, o escritor caracteriza esse conceito como uma zona de ambiguidade "... que se irradia dos regimes fundados no terror e

na obediência” (2004, p.49). Em psicanálise observa-se esse elemento como um espaço na psique humana, uma faixa ambígua onde não se cabe o pensamento pois já aloja colapsos anteriormente vivenciados.⁵ Quando um sujeito experimenta um trauma, o Self Verdadeiro cria uma faixa de terror chamada Zona Cinzenta, a pessoa, então, se acolhe nesse espaço para se proteger, mas o que caracteriza essa zona é a sua ambiguidade. Ela provoca uma visão distorcida, na zona cinzenta apenas se sobrevive.

Esse entendimento se faz necessária nesse momento pois Halla se encontra nessa zona cinzenta. Ela se esforça em alguns momentos para escapar, mas sua capacidade de pensar foi limitada, ela se encontra em uma realidade confusão e não consegue fazer sentido de tudo pois não consegue pensar, por isso se apega a Einar, porque não entende o que lhe acontece e não enxerga outra opção.

Começaram a dizer as irmãs mortas. A mais morta e a menos morta. Obrigada a andar cheia de almas, eu era um fantasma (MÃE, 2014, p.13).

Das irmãs mortas, afinal, eu era a menos morta e, grávida, estava menos morta ainda (MÃE, 2014, p.60).

As pessoas diziam que as irmãs mortas simbolizavam a solidão. Não se acompanhavam deninguém, apenas uma da outra, como bastantes assim. Eeu estava muito grata ao Einar (MÃE, 2014, p.115).

Fica evidente dos trechos acima que Halla em diferentes situações se considera morta e o mesmo é feito pelas pessoas ao redor. Sem pensamento há morte e é isso que aproxima tanto Halla da irmã falecida, ela ao não-pensar fica mais morta, mais próxima da irmã que partiu. Além disso, como já foi abordado, o não-pensamento, mobiliza a passividade, a negação do medo e impossibilita a ação e dessa forma a experiência, por isso os outros também enxergam Halla como morta, é assim que o bebê faz dela menos morta, pois ele significa uma esperança, uma possível mudança e é por isso ela fica grata a Einar, pois ele é sua nova base, sua maneira de não se sentir mal diante de tudo isso e apenas se submeter e imitar.

Não é possível saber em qual momento exato Halla começa a se desumanizar, mas quando ela começa a procurar um herói, uma solução para todos os seus problemas que não exija ação ela já está um tanto dependente. Ela aceitou que não pode ser independente sem dor, então passa a esperar um herói na história e o pseudo-herói que aparece foi previsto por

⁵ Essa discussão está em desenvolvimento numa pesquisa de Alexandro Henrique Paixão, que combina sociologia e psicanálise aplicadas a uma sociedade em Guerra. As referências teóricas do pesquisador são Raymond Williams e Donald Winnicott e se trata de uma pesquisa com financiamento da FAPESP (Processo nº 17/02063-0).

Sigridur desde o começo. Esse é um processo que vai se desenvolvendo durante toda a jornada. É demorado. Mas acontece. Einar começa aos poucos a conquistar a protagonista e a tomar esse cargo, mas Halla sente que isso é perigoso, ela ainda tem a ideia de que ela precisa ser independente.

O Einar jurou que queria muito ser o meu herói. Eu pedia que não me prendesse. Disse-lhe: em liberdade, a beleza atrai a sorte. Em cativo, a beleza atrai o azar. Dizia beleza como podia dizer o amor. Nunca diria amor. Não podia amar o Einar. O que nos acontecia era como sem nome” (MÃE, 2014, p. 54).

Há um desconforto e novamente ambiguidade, ambos os conceitos marcam a vida da narradora. Ela anteriormente vinha se aproximando a Einar, mas ainda não se vê capaz de o amar. Há algo que a impede, amor parece uma palavra muito completa, real, e o que acontecia entre os dois não tinha muita lógica, nem nome, ou seja, não era vida, nem sentimento, mas algo em potencial ou simplesmente vazio. Ao mesmo tempo Einar queria ser seu herói e ela sabia que não tinha forças para se bastar sozinha, por isso ela pede para que ele não a prenda, porque ela não tem forças para se proteger, ainda está à mercê dele, ainda é dependente.

A Sigridur, quando muito pequena, confundia o ontem, o hoje e o amanhã. Dizia: amanhã foi muito bonito. O meu pai achava que era uma forma de ter visões. A Sigridur só o dizia quando se referia a coisas positivas, alegrias e contentamentos que recolhia. Era uma forma de prever que o dia seguinte seria tão bom quanto o anterior. Como se fosse uma capacidade de sonhar. Das duas, a Sigridur era a sonhadora. Se a morte não a tivesse traído, esperá-la-ia uma vida de maravilhas por diante. **Mas a vida não pertencia aos sonhadores, ainda que talhados para o sucesso. A vida era dos que sobravam.** Em sobrar estava a oportunidade de prosseguir e de alguma vez se ser feliz. Eu sobrava. Não tinha o caráter da minha irmã. Percebia isso cada vez melhor. Seguira-a sempre. Ela, cheia de ideias e inspirações. Eu, oca, uma existência pela rama, a ganhar conteúdo pelo fascínio que ela exercia sobre mim. Não era nada a metade valiosa da nossa vida. Eu era a metade fraca (MÃE, 2014, p. 102 – grifo do autor).

As lembranças referentes a Sigridur são sempre delicadas e felizes. Sigridur era uma verdadeira sonhadora, até suas confusões eram visões. Mas rememorar esses eventos é frustrante para a jovem Halla, ela se sente como alguém que sobrou, como quem não é bom o suficiente. Mas ao mesmo tempo, novamente a ambiguidade se faz presente, o mundo não é dos sonhadores. A menina deve se dizer isso por conta de sua dor, sonhar dói, então não deve valer à pena fazê-lo, a exemplo de Sigridur.

Primo Levi, (2004) em suas memórias relata sobre os sobreviventes do holocausto. Esses são caracterizados como aqueles que foram salvos da guerra, mas que inevitavelmente continuam vivendo algumas das ambiguidades violentas da opressão. Nem se pode confiar na memória desses sujeitos, pois eles geralmente preferem se apegar aos momentos de alívio,

esquecendo-se dos episódios mais traumáticos. Halla é uma sobrevivente, uma menina que sobrou, que vive em ambiguidade, que não consegue confiar em suas memórias pela dor e que precisa encontrar uma saída, mas tem dificuldade de fazê-lo pela ausência do pensamento e da experiência.

Novamente, Winnicot (1960) traz contribuições para se entender o que aflige Halla. O Falso Self, tratado anteriormente, tem uma função muito importante e perigosa. Ele esconde o Self Verdadeiro através de submissão às demandas ambientais. Nos casos extremos isso pode levar a criança a deixar de vivenciar suas experiências espontâneas e impede integração do sujeito.

Winnicott conceitua Self Verdadeiro como sendo a posição teórica de onde surgem os gestos espontâneos. Somente ele pode ser criativo e só ele pode se sentir real. Enquanto que o Self Verdadeiro se sente real, a existência do Falso Self resulta numa sensação de futilidade. O Self Falso é bem-sucedido quando consegue esconder o Self Verdadeiro e/ou quando encontra uma maneira de possibilitar que o seu oposto vivo.

O Self Verdadeiro aparece assim que começa a surgir a organização intelectual do indivíduo. Logo ele se desenvolve e se torna complexo. Se relaciona com a realidade externa por processos naturais e esses processos levam o bebê a se desenvolver. Winnicott nos diz que no começo da vida somos constituídos pelo psique-soma e quando nos deparamos com frustrações começamos um processo de desenvolvimento de aparatos que nos permitem tolerar as frustrações, uma mente, um intelecto. Ou seja, se o ambiente falho, nós precisaremos desenvolver o intelecto primeiro, precocemente. Por isso, o Falso Self se revela intelectualizado. Assim, o bebê se torna capaz de reagir aos estímulos sem sofrer trauma porque na sua psique já existem estímulos. Aos poucos ele começa a desenvolver o senso de onipotência e o discernimento do que é externo a ele. Isso tudo precede e possibilita a criança a desenvolver uma racionalização intelectual. Se nesses processos o Self Verdadeiro não for interrompido, então, o resultado é uma fortalecida sensação de que se é real e isso acompanha a capacidade de crescer como um bebê que tolera traumas de quebra do Self Verdadeiro e experiências do Self Falso relacionadas a submissão às demandas do ambiente.

Se o Self Verdadeiro se tornar uma realidade viva o bebê também desenvolve uma ego-organização que se adapta ao ambiente. Isso permite o bebê a chegar a termos comuns. O equivalente do Self Falso em sua normalidade é o desenvolvimento que prepara o sujeito a viver num modo social, permite o sujeito a se adaptar em função das relações sociais, da

saúde. Quando isso acontece o Self Verdadeiro é capaz de comandar o Self Total em submissão.

O indivíduo saudável que tem um aspecto de submissão no seu Self também existe como um ser espontâneo e criativo. Há ao mesmo tempo a capacidade de usar símbolos. Ele consegue viver numa área que intermedeia entre sonhos e realidades, que é chamada de vida cultural.

Em contraposição, onde há uma divisão significativa entre Self Verdadeiro e Self Falso em que o primeiro é escondido, há pobreza na vida cultural. Ao invés de busca cultural, observasse na pessoa uma extrema incapacidade de descanso, inabilidade de concentração e a necessidade de criar boa impressão nas coisas externas para poder colher reações boas de volta. Esse é o self desintegrado. Os bebês nascem singulares e, portanto, desintegrados. Logo seu Self Verdadeiro precisa ser fortalecido e desenvolvido. Mas se o ambiente interno e tudo e todas as coisas externas a ele falharem, continua e desagradavelmente esse sujeito se manterá desintegrado. Desse modo, sempre se encontrará em colapso, e não conseguirá refletir (quem dirá sonhar), só atuar. Portanto, se o ambiente for ruim e falho o Falso Self será sempre uma reflexão do mesmo, será uma colagem de outros, e essa pessoa com o Falso Self em evidência não será um sujeito, cometerá falhas o tempo todo, pois não consegue lidar com os problemas elaborando hipóteses e soluções.

Desse modo, Winnicott auxilia-nos a entender o apego de Halla a irmã e porque ela tanto precisa de um herói, de uma salvação. Ao mesmo tempo, é isso que a faz perder a esperança na irmã, pois precisa desapegar de Sigridur para poder depender completamente de Einar, mas no processo de se identificar cada vez mais com ele, a menina sente que tem perdido sua sensibilidade e se perceber cada vez mais como um “ser bruto”.

Não era possível continuarmos gémeas. Pensava agora. Porque amadurecia e haveria a Sigridur de amadurecer também, até com entusiasmo, no lado escondido da morte (MÃE, 2014, p. 124).

O Einar enervava-se, queria partir as teclas, dobrá-las como línguas moles que perdessem a capacidade do som [...]. Quando cantávamos, éramos dois bichos esganiçados a cacarejar Kaldalóns. Acabávamos por rir como aceitando sermos sobretudo brutos (MÃE, 2014, p. 124).

Finalmente Halla se desvincula de sua irmã, mas infelizmente ela não deixa de imitar Sigridur para tornar-se independente, mas passa a depender completamente de Einar. É curioso que Halla justifica essa mudança considerando seu suposto amadurecimento, mas nesse contexto parece que amadurecer é um sinônimo de embrutecer, ou deixar de sonhar.

Halla verdadeiramente se confundiu, perdeu a capacidade de pensar, pois não consegue nem reconhecer as suas limitações.

Um novo casal apaixonado surge na história. Dessa vez entre Steindor, o senhor que mais apoia e cuida de Halla e Einar e que é retratado como o homem mais amoroso de todos, e a tia de Halla. Ela é uma pessoa cheia de energia e opinião, muito conversadeira e um tanto irritante, ela despertava os nervos de qualquer um. Mas os dois se apaixonam, já tinham muita história juntos e, então, decidem se casar.

O Steindór respondeu: hoje, também eu pedi um desejo. Eu percebi que o Steindór era tão boa pessoa que até gostava da minha tia. A pavorosa tia que gulosamente deglutia o mundo. Pensei que aquele homem era capaz de amar qualquer estafermo (MÃE, 2014, p. 89).

A menina se surpreende com a decisão de Steindor em se casar. Ninguém esperava por isso, mas a seguir, no desenrolar da história é possível perceber que jornada do casal se iniciou a muito tempo atrás e que esse casamento afetaria muito a vida de Einar e Halla. Steindór é um personagem que está sempre com os dois e a sua noiva é a tia de Halla. Dessa forma, Einar e sua companheira acompanham todo o processo do casamento. Isso vai aos poucos provocando a memória de Einar a se recordar de alguns acontecimentos de sua infância, histórias doloridas que ele havia esquecido. A raiva começa a dominar, ele passa a ter certeza que o casal estava envolvido com a morte de seu pai, e Halla acompanha Einar, escuta e apoia ele em tudo.

O Einar disse ter a certeza de a minha tia haver estado presente na morte do seu pai. Ela podia ser culpada pela morte do seu pai. O Einar disse que achava ter de odiar o Steindór. Que um dia ia odiar muito o nosso homem sagrado, como talvez já o odiasse. Eu respondi que a Sigridur acreditava que o Einar nos abriria a barriga com uma faca grande e comeria com uma colher tudo quanto tivéssemos dentro. Ele perguntou-me se vivia com ele sentindo medo. Eu disse que não. **Que ele era o fim do meu medo.** O Einar sentiu-se e ficou subitamente muito bonito. As coisas que eu lembrava da Sigridur estavam cada vez mais erradas. Como se a morte fosse burra. Durante a morte, o que a minha irmã deixara dito emburrecia. Depois, o Einar acordou durante a noite, muito nervoso e cheio de raiva (MÃE, 2014, p. 128-129 – grifo do autor).

O futuro se apresenta como um mistério, mas não distante, Halla e Einar estão prestes a desvendar uma história que vai impactar suas vidas. É muito forte a declaração da protagonista ao dizer que seu namorado é o fim do medo. Se anteriormente discutimos que o medo dela é advindo da sua dor e essa segunda é o que constitui as memórias com as quais ela precisaria aprender a lidar para poder se tornar um pessoal pensante e independente, então quando ela afirma que não tem mais medo e que o fim dele é um indivíduo, o que está sendo

dito é que os problemas não foram endereçados ou solucionados e que ela não desenvolveu sua personalidade, mas que continua a imitar, só que dessa vez, Einar.

As memórias de Einar começam a surgir cada vez com mais clareza e a partir delas um cenário violento é construído. Concomitantemente Halla deixa de perceber a tia como um sujeito, mas um monstro, dessa forma é muito fácil não se identificar com ela.

Não era credível que por juízo de coração o bom homem se apaixonasse pela horrível mulher (MÃE, 2014, p. 130).

O monstro de ensinar o essencial sobre a tristeza arrastou o nariz entre nós. Passou branco e calado por entre as cadeiras e parou diante da mesa. A mesa não tinha nada. Estava morta. A mesa morta. Já não sou criança, pensei. O monstro de ensinar o essencial sobre a tristeza desvaneceu ou entrou para lá da parede. Não o vi. Já não sou criança, pensei com maior convicção. Não inventava mais monstros. Bastavam-me os que a realidade tinha (MÃE, 2014, p. 130).

Nota-se que menina narradora está se colocando entre o limiar da fantasia e da realidade. É uma reação, o instrumento que ela encontra para de uma outra maneira tentar vivenciar experiências. Mas ela já não é tão genuína e ingênua quanto antes, a jovem já não é mais criança, se considera madura e percebe monstros na realidade, indivíduos que ela reconhece como monstros e isso aponta que ela vem passando por um processo de “desensibilização”.

Em uma última tentativa o pai reaparece como elemento alfa novamente, traz livros e tenta compartilhar beleza, poesia, pensamento e sonho com a filha, mas falha, já não é o suficiente. Ela havia perdido a esperança.

O meu pai disse. Leva os livros. É uma pena que fiquem por aqui fechados. Falham-me os olhos para ver letras pequenas e pouco do que ainda posso aprender me há de mudar o destino. Assim, e mais uma vez, o abracei brevemente. Segurei o saco de encontro ao peito. Regressei à igreja com aquele gesto fechado. Os livros no coração. Como o meu pai no coração. E a Sigridur mais a Islândia inteira eo modo aflito de ali estarmos todos (MÃE, 2014, p. 133).

Porque não me bastavam os poucos livros que o meu pai salvara, e não me bastava o Einar apequenado a cada dia, a cada dia mais querido e sob o meu juízo. Amava-o e entendia-o cada vez menos. Porque o amava e a lucidez amadurecia em mim enquanto ele permanecia no avulso das ideias. E vivia debaixo de lugares escuros, sem explicação, de onde não o conseguia recolher. Dizia-lhe que o amava para descobrir se o amor era bom para curas algumas. E o amor curava aqui e ali, mas nunca em definitivo. Falhava demasiado como falhávamos nós a cada instante. Na verdade, não me bastava nada acreditar que a sorte melhoraria porque não acreditava de maneira nenhuma que a sorte melhorasse. Estava à espreita do azar (MÃE, 2014, p. 135-136).

Os livros, aqui, representam narrativas completas como se fossem unidades culturais que refletem as questões que tocam os sujeitos, pois apresentam histórias de vida organizadas,

mesmo elas sendo ficcionais. Raymond Williams (1958) trata a literatura crítica como um instrumento de registro que compartilha, reflete e experimenta a experiência humana que é rica, complexa e exige uma leitura atenta. Ela tem importância em si mesma, pois oferece evidências e registros de experiências individuais que, por sua vez, podem ser comentários de uma mente crítica na sociedade e cultura de seu tempo ou afirmações articuladas de uma percepção de certas relações sociais que estabelecem padrões de uma cultura ou avaliações coerentes das relações pessoais mais íntimas ou até exposições de intensas experiências individuais. O progresso na leitura propicia o aumento da consciência, da flexibilidade e da honestidade, da mesma forma amplia os limites da consciência humana e recria valores humanos.

A literatura se faz necessária às pessoas desintegradas justamente por isso, pois ela permite uma fuga da realidade, mas não as esconde do medo, as mostra a unidade que elas não possuem e apresenta possibilidades pelas vidas dos personagens.

O pai de Halla, portanto, tenta continuar a estimular a leitura da filha, seu contato com a literatura e, dessa forma, com os seus próprios sentimentos. Tristemente a menina diz que os livros não são o suficiente, mas que tinha Einar e o amava. Mas Halla está enganada, iludiu-se ao se distanciar das suas memórias, da sua dor e do pensamento. Aquilo não é amor. De acordo com Bauman “sem humildade e coragem não há amor” (2004, p.22). Na relação do casal não há humildade nem coragem, há submissão e extremo medo, o suposto amor serve para esconder a realidade e manter a jovem na zona cinzenta, na confusão.

Isso se explica pela forma em que Winnicott conceitua o Self Falso. É ele que reage às demandas ambientais de forma submissa e a bebê aceita. Nesse processo é construída uma configuração de relacionamentos falsos e com aparência de experiência real, a criança pode crescer para ser igual e imitar a pessoa que domina mais a cena, a mãe, a tia, o irmão. No caso, Halla, por diversos motivos, teve o desenvolvimento do seu Self Verdadeiro comprometido, tendo dessa forma o Falso Self dominado sua psique. E no caso, quem ela começa a obedecer e com que ela começa a se identificar passa a ser Einar. Pois, na verdade, sente-se isolada, como se vivesse uma vida falsa e por isso é seduzida por submissão e obediência.

As memórias de Einar são completamente resgatadas e Halla se mostra completamente dependente do companheiro. Infelizmente, o que segue é o fim da humanidade de Halla ela cede sua autonomia e identidade para um sujeito mais forte e isso leva ela a finalmente tomar uma decisão e realizar uma ação que apesar de ser essencialmente humana demonstra que ela

perdeu sua capacidade de se comunicar e não tem absolutamente nenhuma esperança, o que retira sua responsabilidade.

O Einar recuperara a memória. Chegou-se e disse-me: o Steindór e a tua tia obrigaram o meu pai a morrer à boca de deus. Não sei o que fazer. Leva-me daqui, por favor (MÃE, 2014, p. 140).

O Einar olhou. Via a mulher e os dois homens como se fossem mais magrinhos, umas traves magras ofuscadas pela claridade. Espanava-se dos mosquitos e observou bem como uma das traves caiu. Era uma linha ténue no clarão que se descontava. Uma linha que, de todo o modo, pareceu deixar um grito, agora sim, que chegou pequeno ao lugar do Einar, mas robusto. Um grito de homem. O Einar escondeu a cabeça. Espreitou depois. Pela largura baixa, entendeu que uma das duas traves persistindo teria de ser a minha tia. Esvoaçava-lhe a saia, engrossava-lhe sempre o corpo o casaco de penas fiadas. Pela altura, uma estatura rara, o Einar percebeu que a outra trave teria de ser o Steindór. O homem sem nome, não lhe restavam dúvidas, saltara (MÃE, 2014, p. 142-143).

O Einar, sem saber, fixaria tal coisa e teria medo das núvens a vida inteira. Eu respondi-lhe: não te assustes. São só palavras. São como as palavras de um poema, apenas um poema, não te deve assustar. E ele lembrava-se muito bem de julgar que as nuvens colhiam as almas e ficavam a servir-lhes de teia por muito tempo. Eram teias de aranhas terríveis onde estrebuchavam as almas mais enganadas. E eu perguntei: e porque saltaria o teu pai. O Einar respondeu: não sei (MÃE, 2014, p. 143-144).

Einar recupera suas antigas e sensíveis memórias e as compartilha com Halla. Steindor e a tia de Halla levaram Einar e seu pai ao topo de um vulcão e tudo que ele lembra é que eles voltaram sem o pai, por isso “teria medo das nuvens a vida inteira”. Cecília Meireles (MEIRELES, 2001) em seu poema “Sugestão” roga para se seja assim serena, isenta e fiel como a nuvem que nunca chega a ser, ela descreve esse movimento como belo, pois foge ao resto dos homens. É vero que há beleza intrínseca na perda, no final de algo, pois se relaciona com o que já passou, foi real e conferiu sentido a existência mesmo que por milésimos de segundos, mas nunca chegar a ser pode ser algo extremamente violento, até desumano.

A pequena Halla nesse excerto busca confortar Einar dizendo para não se assustarem pois palavras e poemas não simples e inofensivos, ela também afirma que ideias são perigosas e enganadoras. Percebe-se que a antiga menina que tanto valorizava a palavra, a conversa, a poesia, o sentido da vida e buscava para tentar entender o que lhe acontecia, desistiu. As dores, as lutas, as dificuldades que ela enfrentou durante a trajetória fizeram com que aos poucos ela fosse perdendo as esperanças, perdendo as palavras, perdendo a ação, fazendo com que ela permanecesse nesse momento de suspensão e espera e nunca chegando a ser, perdendo totalmente a capacidade de se comunicar e de se responsabilizar, ficando sem sua humanidade.

Sendo assim, chega o momento de Halla. Ela e Einar decidem fugir, ambos não aguentam a dor, combinam de se encontrar no dia seguinte de manhã. Mas algo impulsiona Halla a agir por conta própria dessa vez, a garota que passou a história inteira como vítima, vivendo um dilema, refletindo sobre quem ser, em quem confiar, de quem depender, finalmente entende que precisa agir, que precisa se posicionar. Mas infelizmente toma a ação mais violenta que há. A sua ação mostra que ela não é capaz de se reconhecer no outro sujeito, que ela pensa de forma fragmentada e que infelizmente perdeu a capacidade de sonhar.

Tranquei as portas, encravei as janelas, escorri o óleo pelo chão. Era muito cedo ainda, no meio do escuro, o vento agressivo sem chuva. Tomei um dos poemas do meu pai. Uma só folha, um poema único, sem cópia, irrepetível. Com ele acendi o fogo à casa bonita do Steindór e ainda vi como as paredes convidaram o lume, tão gulosas. Achei queo meu pai ia inconfessavelmente gostar que um poema seu servisse de acendalha para aquela combustão. Tinha direito a reclamar a sua participação na maldade tão oficial do mundo (MÃE, 2014, p. 150).

Seria lindo que, ao menos, mostrassem o amor que diziam sentir um pelo outro. Que quisessem morrer juntos, a suplicar que a morte os tivesse juntos para a eternidade também. O Oskar ia estar à espera. Eu sabia bem que a morte também tinha cutelos, e que os mortos se matavam uma e outra vez, talvez para acederem a um contínuo de dimensões infinitas. Talvez até que cada um estivesse isolado, sozinho, sem ter quem matar e por quem morrer, para sempre. Eu pensei: Sigridur, corta-os com facas, mana. Corta-os desse lado, por mim. Eu sabia que ela me ouviria. Eu era gémea da morte. Deixei cair a pequena moeda com que costumava dormir. Sujei com ela o chão. Fugi (MÃE, 2014, p. 150-151).

Matar é um ato constituído de humanidade, vejamos como Halla se atenta aos detalhes. Ela faz questão de ascender o fogo com uma poesia inédita e única, também espera que as vítimas estejam realmente apaixonadas como dizem estar, tem convicção de que a irmã concordará com ela, até cita seu filho Oskar dizendo que se encontrará com o casal no mundo das mortes. Ela se mostra um tanto sensível. Mas não quer dizer que está dotada de humanidade.

Primo Levi (1988), um judeu italiano sobrevivente de Auschwitz, relatou memórias de sua experiência no campo de concentração. Um jovem de 24 anos, que até então levava uma vida confortável e livre, foi retirado de seu lar, de sua mãe e enviado para uma país distante e estranho às pressas e à força. Fora privado, de sua casa, de suas roupas, de tudo que possuía, de contato com seus entes queridos, reduzido “a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e discernimento - pois quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo

Suas primeiras descrições incluem privação, pancadas, frio, sede, como se não houvesse tempo ou condições para que pudesse sentir desespero pela vontade de viver ou

resignar-se conscientemente, era “apenas exemplares comuns da espécie humana” (LEVI, 1988, p.15). E, de acordo com Levi, fora transformado em tão miserável que suas decisões, inclusive sobre vida e morte, não poderiam ter qualquer sentimento ou afinidade humana, mas seguiriam apenas critérios de conveniência. Daí o duplo significado da expressão “Campo de Extermínio”, para o autor, pois ele destrói não somente a vida, mas a identidade, a dignidade, em outras palavras, a humanidade (PRIMO, 1988).

O Holocausto é o exemplo mais claro do que chamamos de barbárie, a regressão ao momento em que os sujeitos deixam de se reconhecer uns nos outros, como sujeitos portadores de direitos, mas enxergam apenas as dificuldades da sociedade e projetam no outro as suas frustrações. Há conformismo, não há reflexão, há culpabilização, não há sensibilidade, há barbárie. Cabe, portanto, as seguintes perguntas: o que é humanidade? E o que confere essa humanidade aos sujeitos?

Nelson Mandela, o principal líder político da luta contra o Apartheid na África do Sul, afirmou que negar a alguém seus direitos humanos é equivalente a negar sua humanidade⁶. É justamente isso que Levi relata, que há algo pior do que morte física. Ao perder seus direitos humanos, ao perder sua voz e seu poder de escolha, ao perder sua dignidade, ele perdeu sua humanidade. Percebe-se, portanto, o primeiro aspecto característico da humanidade, direitos humanos.

Levi continua sua narração e relata sobre a sujeira, falta de higiene, a fome, as regras rígidas, a disciplina imposta, a violência entre os aprisionados, os esquemas de trocas, os privilégios, as hierarquias, em outras palavras, da luta pela sobrevivência. Diz que o campo servia de engrenagem para transforma-los em animais, mas que era necessário lutar. Os que sucumbem e seguem todas as regras, comem no momento certo e apenas o que recebem, que trabalham da maneira correta, que obedecem à disciplina, esses sobrevivem no máximo 3 meses. Afinal, é mais fácil executar cada ordem recebida, mas aquela estrutura não sustenta um sujeito por muito tempo. São esses os sujeitos que sustentam os campos, mas eles representam uma multidão anônima de “não homens”⁷ que vivem em silêncio, que estão no vazio. Desconfia-se se estão realmente vivos ou mortos, já nem estão em condição de sofrer ou temer qualquer futuro.

⁶ “To deny people their human rights is to challenge their very humanity. To impose on them a wretched life of hunger and deprivation is to dehumanise them”.

⁷ Termo utilizado por Primo Levi em seu livro: **É isso um homem?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. p. 91

Levi conta sobre a troca de olhares com um sujeito também aprisionado e se espanta ao não conseguir reconhecer nada naquela troca, ele vê nada, um sujeito que não tinha uma história para contar.

Para os homens vivos, as unidades de tempo sempre têm um valor, tanto maior quanto maiores são os recursos interiores de quem as percorre, mas, para nós, horas, dias, meses fluíam lentos do futuro para o passado, sempre lentos demais, matéria vil e supérflua de que tratávamos de nos livrar depressa. Acabara o tempo no qual os dias seguiam-se ativos, preciosos e irreparáveis; agora o futuro estava à nossa frente cinzento e informe como uma barreira intransponível. **Para nós, a história tinha parado** (LEVI, 1988, p. 60 – grifo do autor).

Eis mais uma condição para que haja humanidade: história. O sujeito que para no tempo, que não consegue se reconhecer no tempo, no espaço e no outro, que não tem história, não pode ter humanidade.

Ao mesmo tempo, porém, o escritor mostra que os desumanizados não são apenas os sem história, mas os que tratam as pessoas como coisas. Isso se refere tanto aos escravos aprisionados que não se identificam com ninguém, quanto aos poderosos, aos vilões da história. É atordoante sua memória referente à troca de olhares com um médico nazista no campo.

... eu soubesse explicar a fundo a natureza desse olhar, trocado como através do vidro de um aquário entre dois seres que habitam dois meios diferentes, conseguiria explicar a essência da grande loucura do Terceiro Reich. O cérebro que dirigia esses olhos azuis, essas mãos bem cuidadas, dizia: "Esse algo que está na minha frente pertence a um gênero que, obviamente, convém eliminar. Neste caso específico, deve-se, antes, examinar se ele não contém ainda algum elemento aproveitável." E na minha cabeça, como sementes num porongo vazio: "Os olhos azuis e o cabelo loiro são, essencialmente, maus. Nenhuma possibilidade de comunicação (LEVI, 1988, p. 108).

Para o sobrevivente, não é apenas o sujeito aprisionado sem história e identidade que perdeu sua humanidade, mas todos só que são capazes de se identificar com o outro, os que são incapazes de se comunicar. O médico se enquadra nessa categoria, assim como todos os que tem privilégios e sucessos no campo, pois são em detrimento dos mais fracos que conseguem sobreviver. Ou os que desistiram e/ou não tem forças mais para lutar e não se reconhecem no outro. Nota-se, dessa forma, o terceiro aspecto da humanidade, a capacidade de identificar-se e enxergar-se no outro.

Entretanto, ao mesmo tempo que apresenta a falta de moral e as atrocidades realizadas no campo, Levi nos mostra que mesmo em um ambiente extremamente violento como o Lager, é possível sobreviver resquícios de humanidade, mesmo em Auschwitz.

Os personagens destas páginas não são homens. A sua humanidade ficou sufocada, ou eles mesmos a sufocaram, sob a ofensa padecida ou infligi da a outros. Os SS maus e brutos, os Kapos, os políticos, os criminosos, os "proeminentes" grandes e pequenos, até os Râjtlinge indiscriminados e escravos, todos os degraus da hierarquia insensata determinada pelos alemães estão, paradoxalmente, juntos numa Única Íntima desolação. Lourenço não, Lourenço era um homem; sua humanidade era pura e incontaminada, ele estava for a do mundo da negação. Graças a Lourenço, não esqueci que eu também era um homem (LEVI, 1988, p. 124).

Lourenço é introduzido como um dos heróis, pois ao ajudar Levi e arriscar sua vida para salvá-lo sem motivo algum e sem poder se recompensado, Levi lembrou-se e apegou-se a sua humanidade. No decorrer da história ele vai perdendo a humanidade e as forças, mas em alguns momentos ele consegue se apegar a quem é, às suas memórias e se resgatar. O KA-BE, hospital do campo, é relatado como o campo livro do sofrimento físico, sendo assim, o local onde os que ainda tem um germe de consciência consegue recuperá-la e assim conversar e pensar sobre mais que fome e dor, mas sobre a vida e o sentido da mesma. Também se enxerga como humano nos momentos que ensino italiano a um colega escravo e consegue relembrar trechos decorados da Divina Comédia de Dante, a lembrança das cantigas e falas do livro o avivem e permitem que ele pense e sinta o mínimo de paz em meio ao sofrimento.

Paulo Freire, a maior referência em educação no Brasil, reconhecido como o patrono da educação brasileira, em sua última entrevista disse:

Eu sobrevivo porque me preocupo. Vivemos procurando soluções [...]. Tudo que eu escrevo eu quero que sirva de construção. [...] Nenhuma realidade é assim mesmo. Toda realidade está aí submetida a possibilidade de nossa intervenção nela (CBUSON, 2007).

O educador faz uma distinção entre os conceitos de inserção e adequação. A adequação corresponde a um ajuste do corpo as condições impostas materiais, histórias, sociais, etc. Adequaram-se todos os que foram desumanizados por Auschwitz, Halla também, ela se adequou. Enquanto isso, inserção demanda tomada de decisão em direção à uma intervenção no mundo. Para Freire todos precisam ser emancipados e autônomos para serem inseridos no mundo, para criarem, elaborarem, sonharem, e em consequência, pensarem. Através do pensamento há a possibilidade de transformação. Sem ele não nos resta nada. O próprio Primo Levi pode ser levado como exemplo, ele sentiu a necessidade de usar a sua voz e falar sobre a sua experiência, e dessa forma se humanizou. Resistiu através do pensamento e da ação, pensou e esse movimento o transformou a ponto de guiar ações. Isso implica em uma coisa, responsabilidade. Ser responsável é o que nos torna humanos, implica em cuidado com o que e os que estão ao redor, implica em experiências que levam à frustração e à elaboração de alternativas, implica em pensamento e, enfim, inserção. Os sujeitos humanizados são capazes de sonhar, criar, para então pensar e interferir no mundo.

Ao final do romance, Halla, uma jovem que de início era cheia de vida e sonhos para o futuro, mostra-se irresponsável. Se encontra unida a Einar, uma das pessoas que ela mais desprezava no começo da história, e numa condição de violência extrema. O seu ato final, por mais que dotado de humanidade, reflete a sua desumanização pois mostra como ela foi incapaz de pensar. A decisão foi quase que automática, ela viu a dor de Einar e já agiu, não considerou os sujeitos envolvidos, nem mesmo Einar e nem tentou entender a fundo o ocorrido e a situação, apenas atuou. Sem o pensamento, ela atua, mas não sonha, não cria, não pensa, perdeu tudo, pois perdeu sua humanidade.

Hannah Arendt (2000), uma filósofa judia alemã que estudou e escreveu muito sobre a Segunda Guerra Mundial e o autoritarismo, no seu livro *Eichmann em Jerusalém*, considera que o mal se ergue, constitui-se na falta do pensamento. Essa ausência do pensamento sempre provoca situações extremas e horror ao mesmo tempo que são banais.

Quando falo em pensamento, não me refiro as divagações, como as que Halla demonstra ter no romance, ela traz reflexões, mas se mostra incapaz de elaborar questões e alternativas à realidade, é incapaz de sonhar e, portanto, incapaz de pensar, tudo que ela faz é atuar, e sua atuação é uma cópia das pessoas que mais tem poder sobre ela.

Fica evidente o perigo/ameaça do não-pensamento. Ele corresponde a um espaço, à zona cinzenta descrita por Levi (2004) como uma zona de ambiguidade em que não se é possível diferenciar bem e mal, em que se irradia terror e obediência, é um espaço de incerteza e dependência do que vem de fora, é uma espera. Nesse contexto, o não-pensamento é um pensamento em suspensão, é o que não foi pensado e que permite a regressão à barbárie porque não olha para as condições que geram a regressão.

Theodor Adorno, sociólogo alemão, um representante da Escola de Frankfurt, escreveu no seu texto “Educação após Auschwitz” (2014) que Auschwitz representa o pior cenário possível de onde a sociedade pode chegar e de onde a educação pode permitir que a sociedade chegue. E de acordo com o autor, o que o incomoda e amedronta, são as condições que constroem e possibilitam esse cenário, mas que ao mesmo tempo passam despercebidas ou são confundidas com outras questões. Para o autor, é importante que se entenda e se conheça as condições que ocasionam e viabilizam essa regressão. O não-pensamento, nesse contexto, é uma delas. Ele é o pensamento que permite a regressão à barbárie por não olhar para as condições que geram a regressão, por não ser marcado por intenção, sensibilidade e comprometimento, por estar em suspensão, esperando por alguma condição ou momento que pode não existir.

É ele, o não-pensamento, que inicia o processo de desumanização, daí a sua importância. O que é desumano é a incapacidade de se responsabilizar por si e pelo outro justamente porque é incapaz de pensar e ter experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jovem protagonista do romance de Valter Hugo Mãe passa sua vida pensando, questionando a si e as pessoas ao redor, ansiando o que é belo, esperando que algo lhe aconteça. Mas pela falta de pensamento, nada lhe acontece. Na vida de Halla a ausência do pensamento se converte em morte. É justamente isso que marca a trajetória, não apenas a morte da irmã, mas das suas esperanças, da confiança nos sujeitos, dos sonhos e anseios dos mais profundos, das ambições, dos relacionamentos construtivos e saudáveis, da vida ativa, criatividade, da independência, do compromisso e responsabilidade. Isso a impede de expor-se ao mundo e, nesse movimento, de descobri-lo e de desvendar-se a si mesma pela experiência, aquela que nos toca e nos transforma. Conforme o tempo passa a menina não se transforma ou muda, mas se constrói como alguém incapaz de experiência pelo não-pensamento, por estar presa em seu mundo de medo e espera por algum salvamento. A experiência tornou-se escassa. Ela é capaz de aprender com o que lhe passa, consegue refletir e horas até atuar sobre a sua realidade, mas não consegue sair da inércia da passividade e tudo o que a sua espera lhe oferece é desumanização

Percebemos a importância e o perigo do não-pensamento. O não sonho, a incapacidade de lidar com os medos e frustrações da vida, de se constituir como um sujeito independente faz com que a experiência seja rara e permite um sujeito fechado em si mesmo e nas suas ilusões. Isso mata a responsabilidade, destrói a capacidade ou ânimo que temos de interferir no mundo, impede as trocas entre os sujeitos, a empatia, o cuidado com os outros e o que está ao nosso redor, aniquila o que nos confere humanidade e permite a regressão à barbárie.

O pai de Halla se mostra no romance um homem sonhador por apenas um motivo, tem esperanças e sonhos para a filha, e a forma dele de incentivá-la a viver a vida de forma significativa e independente é através do contato com a literatura, pois desperta os sentimentos mais profundos e reais que estão no fundo do peito e permite lidar com as dores e frustrações de uma forma mais leve. A literatura se mostra, portanto, como defendem Candido (1995) e Williams (1958), muito valiosa, mas também fundamental para que possamos manter nossa sanidade em um mundo tão traumático e violento.

“A Desumanização” é um triste e belo romance, compartilha as dores dos traumas e relacionamentos ao mesmo tempo que reflete a beleza da complexidade da vida humana. Ela pode ser árdua e caótica, mas oferece espaço para trocas genuínas e sentimentos dos mais profundos e experiências reais. O livro apresenta ao leitor os possíveis efeitos da violência sobre a psique e a capacidade do indivíduo de pensar e de ter experiências. Portanto, sabendo que violência, trauma, desumanização e escassez de experiência são traços que marcam as sociedades atuais, resta-nos cultivarmos e achegarmo-nos a tudo aquilo que nos aproxima da troca de experiências, que nos permite entrar em contato com os nossos sentimentos mais profundos e reais, o que possibilita-nos refletir e viver a experiência humana em sua forma mais rústica e completa.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz Terra, 2014.

ANDRIATTE, Aparecida M. Wilfred Ruprecht Bion. **Federação Brasileira de Psicanálise**. Disponível em: < <https://www.febrapsi.org/publicacoes/biografias/wilfred-ruprecht-bion/> >. Acesso em: 29 Outubro 2018.

ANGIER, Carole. The secret life of Primo Levi. **The Guardian**, 09 March. 2002. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2002/mar/09/biography.artsandhumanities>. Acesso em: 29 outubro 2018

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém** – Um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. 4 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BAUMAN, Zygmund. **Amor líquido** – sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BION, W.R. The Psycho-Analytic Study of Thinking. **Int. J. Psycho-Anal.** v.43, p.306-310, 1962.

CBUSON. **Última Entrevista a Paula Freire 1º Parte**. 2007. (6m59s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=324&v=UI90heSRYfE> Acesso em: 30 Outubro 2017.

CÂNDIDO, Antônio. Direito à literatura, 1988. In: CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAVALLARI, Maria de Lourdes Rossetto e MOCHETA, Murilo dos Santos. Rev. **SPAGESP** [online]. Reflexões a respeito da identificação projetiva na grupoterapia psicanalítica. n.1. vol.8, 2007.

DACOME, Camila M. **O prestígio na literatura: um estudo do campo literário brasileiro através do Portugal Telecom**. 2017. Tese (Mestrado em Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DRUMMOND, Carlos. **Carlos Drummond de Andrade / seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por: Rita de Cassia Barbosa**. São Paulo, SP : Abril, 1980.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n.19, p.29-28, 2002.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LEVI, Primo. **É isso um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MÃE, Valter Hugo. **A Desumanização**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MANN, Thomas. **As cabeças trocadas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

MEIRELES, Cecília. “Sugestão”. In: **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

NETO, A. N. Winnicott: uma psicanálise da experiência humana em seu devir próprio. **Natureza humana** v. 7(2), p. 433-454, jul.-dez. 2005.

PRIBERAM. **Priberam informática**, 2018. [eletrônico]. Disponível em: < <https://dicionario.priberam.org/psican%C3%A1lise>>. Acesso em: 23 novembro 2018.

SARTRE, Jean Paul. **Entre quatro paredes**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2005.

SOCIEDADE dos poetas mortos. Direção de Peter Wier. Roteiro de Tom Schulman. Buena Vista Pictures, 1990. 1 DVD (128 min.), son., color.

STEINWURZ, Denise A. Donald Woods Winnicott. **Federação Brasileira de Psicanálise**. Disponível em: < <https://www.febrapsi.org/publicacoes/biografias/donald-woods-winnicott/>>. Acesso em: 29 Outubro. 2018.

TENNYSON, Alfred Lord. “Tears, Idle Tears”. In: **The Princess**, [pdf] 1997.

WALTER, Benjamin. Experiência e pobreza. **Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

WILLIAMS, Raymond. **Lectura y crítica**. [Pdf] Editora digital Titivillus, 1958.

WINNICOTT, Donald Woods. Ego Distortion in Terms of true and false self (1960). In: _____. **The Maturation Processes & the Facilitating Environment**. Hagorth Press, London. 1965. Cap. 12, p. 140-152